

RANKE E NIEBUHR: A APOTEOSE TUCIDIDEANA

Francisco Murari Pires
Universidade de São Paulo

Resumo

Por Niebuhr mais Ranke, Wilhelm Roscher e Eduard Meyer, compo o quarteto de historiadores do século XIX que Santo Mazarino qualificou de “os Alemães Tucidadeanos”, a fama de Tucídides, então “idealizado como historiador perfeito”, alcançou uma espécie de apoteose, estimando-se sua história como obra extraordinária, singularmente excelsa, inigualável. Por declarações de júbilo entusiasmado quer de Niebuhr quer de Ranke, revive e renova-se por inícios do século XIX a glorificação fulgurante de Tucídides. Então, os modernos, tendo por missão fundar a ciência da história, o elegeram por modelo supremo, projetando de sua figura uma espécie de *apoteose*. Para Ranke, Tucídides, assim como Homero para a epopeia e Platão para a filosofia, bem pode ser considerado o *gênio da história*, a qual, graças a ele, alcançou a *perfeição*.

Palavras-chave

Tucídides • Leopold von Ranke • Barthold Georg Niebuhr • heroico • gênio • historiografia

Contato:

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
Av. Prof. Lineu Prestes, 338
05508-900 – Cidade Universitária – São Paulo – SP
E-mail: murari@usp.br

RANKE AND NIEBUHR: THE TUCIDIDEAN APOTHEOSIS

Francisco Murari Pires
Universidade de São Paulo

Abstract

The modern representation of Thucydides crystallized in the nineteenth century in the works of the so-called “Thucydidean’s Germans”: Barthold Georg Niebuhr, Leopold von Ranke, Wilhelm Roscher, and Eduard Meyer. Thucydides’ reputation then underwent a kind of historiographical apotheosis, his history coming to be thought of as a unique and extraordinary work. Niebuhr was emphatic in his judgment: “the first real and true historian, according to our notion, was Thucydides: as he is the most perfect historian among all that have ever written, so he is at the same time the first: he is the Homer of historians”. As for the subject matter of his *History*, Niebuhr likewise proclaimed that “the Peloponnesian War (...) is the most immortal of all wars, because it is described by the greatest of all historians that ever lived”. In a similar vein, Ranke stated that “(...) Thucydides, who is the real originator of historical writing, still cannot be surpassed (...). No one can (...) have a pretension to be a greater historian than Thucydides”.

Keywords

Thucydides • Leopold von Ranke • Barthold Georg Niebuhr • hero • genius • historiography

Contact:

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
Av. Prof. Lineu Prestes, 338
05508-900 – Cidade Universitária – São Paulo – SP
E-mail: murari@usp.br

1. Leopold von Ranke

Conta-se que Ranke mantinha em seu estúdio um herma bifronte contrapondo os bustos de Heródoto e Tucídides.¹ Espécie de Jano historiográfico de valor emblemático² porque a presença escultural antiga na convivência quotidiana do historiador moderno assinalasse a dualidade de princípios fundantes: *método crítico* mais *história universal*. Imagens, pois, de suas respectivas realizações modelares: *Tucídides* responde pelo método, e *Heródoto* pela história universal.

Num dos capítulos da *História Universal*³, Ranke sistematizou as razões dessa imagem de configuração modelar dual, porque Heródoto e Tucídides referissem os fundamentos “opostos”, mas complementares, de “toda ciência e arte da história”, uma vez que “as tarefas que Heródoto e Tucídides respectivamente realizaram são de natureza tão diversa que elas não podiam ser executadas por um só homem, requerendo dois autores de diferente caráter e diferentes dons”.

Já as circunstâncias históricas em que compuseram suas obras indicam trajetórias de destinos políticos inversos. Heródoto era um estrangeiro vivendo exilado em Atenas, ao passo que Tucídides também o era, mas de Atenas. Integração *políade* feliz que, no caso do halicarnássio, dispunha pendores afetivos envolvendo a composição de sua história. Marginalização *políade* adversa que, no caso do ateniense, ensejou desvinculação das injunções pátrias, assim favorecendo história que melhor viabilizasse imparcialidade. Então, primeira oposição: Enquanto Heródoto, “estrangeiro em Atenas, vinculava-se aos atenienses de todo coração e com calorosa admiração”, Tucídides, “não obstante ateniense, tinha bons motivos para observar os atos de seus concidadãos sem um patriotismo unilateral”.

Também as histórias que ambos vivenciaram dispuseram diversos horizontes de experiências catalisadoras de distintas obras. O tempo de Heródoto estava dominado pelo “portentoso antagonismo entre gregos e persas”, ao passo que o de Tucídides o era pelas “lutas dos próprios gregos, entre Atenas e Esparta”. O olhar historiográfico do primeiro, “antes de tudo um viajante” por “intenso desejo de adquirir sempre maiores conhecimentos”, tem o foco histórico, embora

¹ O informe consta dos registros do Diário do próprio Ranke (*Tagebücher. Aus Werk un Nachlass I*, herausgegeben von Walther Peter Fuchs, München-Wien, 1964, p. 416).

² Assim já o diz Girolamo Imbruglia. *Tucidide nella Storiografia moderna*. A cura di MONTEPAONE, C.; IMBRUGLIA, G.; CATARZI, M.; SILVESTRE, M.L. Napoli: Morano Editore, 1994, p. 73.

³ As citações a seguir são derivadas da versão inglesa em *Universal History. The Oldest Historical Group of Nations and the Greeks*. Edited by PROTHERO, G.W. New York: Harper & Brothers, 1885, p. 305-317; confira-se igualmente a tradução italiana de NAPPI, A. reproduzida por Girolamo Imbruglia em *Tucidide nella Storiografia moderna*. Napoli, 1994, p. 107-117.

centrado em Atenas, de “atenção voltada para o *mundo*”. Já o olhar historiográfico do segundo tem o foco histórico, apesar de situado fora de Atenas, de “atenção voltada para a *pólis*”.

O espírito historiográfico de Heródoto abre a perspectiva da história universal.⁴ A unidade de sua história reflete o tempo em que vivera: “dominado pelas relações recíprocas entre o Oriente e o mundo grego”, constituindo “as bases sobre as quais se apoiava a situação mundial daquela época”. Esse, então, o fundamento virtuoso de sua excelência historiográfica: “apresentar os acontecimentos em suas conexões todas” constituiu seu grandioso desígnio, “a primeira verdadeira história que já foi escrita”. Pois, “a história não poderia crescer no exclusivo âmbito interno do solo nacional, já que as nações se tornam cômicas de sua própria existência somente quando entram em contato umas com as outras”. “Por tal concepção grandiosa”, afirma Ranke, “a obra de Heródoto não foi mais igualada, e menos ainda sobrepujada”. Paradigma primoroso, pois, de ideia de história universal.

Uma restrição, todavia, delimita a insuficiência da história herodoteana, aprisionando sua realização metodológica, de modo a que não pudesse “satisfazer aos requisitos de uma obra histórica perfeita”. O tempo histórico para o qual ela voltava o olhar comportava apenas recordações transmitidas por tradições orais, “informes de segunda mão, desconhecendo-se autoridades confiáveis”, e assim turvando a visão dos acontecimentos, inviabilizando a “firmeza” de sua percepção cristalina.

A obra de Tucídides abriu a saída para essa aporia cognitiva: suprimir a distância da temporalidade historiográfica ao voltar o olhar para o tempo presente, de modo a que a visão dos acontecimentos comportasse disponibilidade cognitiva imediata, livre dos gravames de suas intermediações memorizadoras. A circunscrição temporalmente controlada do olhar pelo fato da presença historiante enseja acuidade, propicia-lhe exatidão. A fundação da obra historiográfica requer, então, a transcrição da visão imediata, presenciada, dos acontecimentos como garantia de seus informes e relatos.⁵

⁴ Para os nexos que a elaboração da ideia de história universal mantém com a leitura e consequente apreciação de Heródoto por Ranke veja-se o estudo de Girolamo Imbruglia (obra citada, p. 92-96) bem como o de Ernst Schulin (*L'idea di Oriente in Hegel e Ranke*. A cura di Maurizio Martiniano, Liguori Editore, 1999, p. 215-226).

⁵ Veja-se ainda a argumentação desenvolvida em 1848 por Ranke (*Aus Werk und Nachlass. Vorlesungseinleitungen*. v. IV, herausgegeben von Volker Dotterweich und Walther Peter Fuchs, München-Wien, R. Oldenbourg Verlag, 1975, p. 206) na Introdução da primeira parte de seu curso de História Universal tendo por objeto o Mundo Antigo, na qual contrapõe, por um lado, os méritos e virtudes maiores de Tucídides (precisão e rigor de narrativa factual), contra, de outro, suas

Espírito de seu tempo, Tucídides associa mais outras virtudes metodológicas. A racionalidade da Hélade clássica humaniza-lhe o olhar historiográfico, desvencilhando a percepção dos fatos de suas visões religiosas, que ainda travavam a história herodoteana impregnada de teleologias divinas de conformação trágica. Tucídides afasta a história da religião porque aprofunda a percepção da natureza humana: olhar penetrante que capta no desenrolar dos acontecimentos as vicissitudes das “razões que movem os atos dos homens”. Narrando os fatos históricos, Tucídides dispõe-nos um compêndio de ética humana arrolando teores tanto virtuosos quanto viciosos, antes apontando estes males do que aqueles bens. Olhar historiográfico de enfoque ético também solidário de definição metodológica, a qual afirma o primado absoluto dos *fatos assim como eles ocorreram*, a marcar porque com ele a história na época clássica se distingue da tragédia, razão porque Tucídides difere de Eurípides.

A virtude da imparcialidade historiográfica tucidideana enraíza-se em “talento inato” por dom de equidade, que o imuniza contra as contaminações dos engajamentos circunstanciais: história que “não laconiza, mesmo que assegurada pela convivência com os lacedemônios”; e história, assim também se pode subentender, que tampouco malquista Atenas, malgrado a adversidade de seu infortúnio político lá passado. Não, Tucídides “faz justiça a ambos os lados”. Precisamente porque ele “ateve-se estritamente à verdade dos simples fatos” apenas aprofundando “a investigação de suas motivações humanas”, “conferiu à história do curto período contemplado aquele apreço de lucidez perceptiva e força de vivacidade descritiva que nós maximamente admiramos”.

Na síntese de apreciações sobre a *História Universal* tecida em seus anos finais de vida, Ranke exalta, pela figuração de modelos que conjuga Heródoto com Tucídides, a plenitude de virtudes condensadoras de seu próprio, moderno, receituário de epistemologia historiográfica, assim reconhecida pela projeção na leitura daqueles historiadores antigos.

Conjugação de interesses historiográficos da “velhice” com os da “juventude” pelo estudo dos autores antigos, assim declarado pelo próprio Ranke quando se pôs a escrever sua *História Universal* aos 82 anos⁶, mais afinidades historiográficas tucidideanas marcam os inícios da trajetória do historiador, anos entre 1815

limitações (elegância narrativa e universalidade do tema), relativamente a Heródoto, justo porque dispunha ele de acesso presencial aos acontecimentos historiados na guerra entre Atenas e Esparta, ao passo que Heródoto, por desconhecer a língua dos povos estrangeiros retratados em sua história, teve que recorrer a relatos de segunda mão, prejudicando a justeza a que sua investigação almejava.

⁶ Citado por Schulín (obra citada, p. 268).

a 1824. Estudos de filologia clássica, associados a horizontes de preocupações teológicas, em meios de pietismo luterano⁷, envolvem os anos de sua formação, desde o ginásio em Pforta, mais a estada na Universidade de Leipzig⁸ ao período de atividade docente no ginásio de Frankfurt an der Oder, onde lecionava língua e literatura clássica. Pelo tempo dos estudos juvenis, ano de 1813, firmara toda sua admiração pelos dois historiadores antigos, Heródoto e Tucídides, que, apesar de contemporâneos dos sofistas, não se deixaram contaminar pelas “infantilidades e disparates” da arte retórica.⁹ Pouco depois, 1817, mais ou menos contemporâneo ao ensaio sobre Lutero, defendeu tese de láurea acadêmica¹⁰, a qual versava sobre a história de Tucídides, infelizmente perdida. Pelas lembranças ativadas nos anos 1860, porque lembrava-se de seus tempos juvenis, Ranke reconhecia que Tucídides fora “o primeiro grande historiador” que “profundamente o impressionara”, então “diligentemente empenhando-se em sua leitura”.¹¹

Ecos de diálogos tucídideanos ressoam pelas reflexões com que Ranke compõe, em 1824, o Prefácio de sua primeira obra, *Geschichte der romanischen und germanischen Völker von 1494 bis 1514*, assim reconhecíveis lendo-se em

⁷ LAUE, Theodore H. von. *Leopold Ranke. The Formative Years*. Princeton: Princeton University Press, 1950, p. 11-12; WINES. *Leopold von Ranke. The Secret of World History*. New York, 1981, p. 3; HINRICHS, Carl. *Ranke e la Teologia della Storia dell'età di Goethe*. A cura di Rosario Diana, Napoli: Liguori Editore, 1999, p. 112.

⁸ O apego com que Ranke estimava, nesses anos iniciais de sua formação, a singularidade original que marcava a identidade da cultura grega clássica porque fosse, pois, ocioso reconstituir a história de eventuais influências de nexos orientais nos tempos primordiais de sua constituição, é registrado em apontamento de seu diário de 1816 (*Aus Werk und Nachlass I. Tagebücher*, herausgegeben von Walther Peter Fuchs, München-Wien, R. Oldenbourg Verlag, 1964, p. 92); confira-se: BELLA, Santi di. *Leopold von Ranke. Gli anni della formazione*. Rubbetino Editore, 2005, p. 67. O horizonte das leituras e interesses do jovem Ranke e sua influência na conformação de seu pensamento historiográfico é especialmente analisado por Fulvio Tessitore (RANKE. Il *Lutherfragment* e la *Universalgeschichte*. In: *Lutero e l'idea di storia universale*. A cura di Francesco Donadio e Fulvio Tessitore, Napoli: Guida editori, 1986, p. 180).

⁹ *Tagebücher*, p. 85.

¹⁰ Confiram-se: IMBRUGLIA, *op. cit.*, p. 81; DESIDERI, P. *Scrivere gli eventi storici, in Noi e i Greci*. Torino: editado por S. Settis, 1996, p. 1003; FUCHS, Peter. Ranke, *Aus Werk und Nachlass III. Frühe Schriften*, herausgegeben von Walther Peter Fuchs, München-Wien: R. Oldenbourg Verlag, 1973, p. 33-34 e 330; e especialmente BELLA, Santi di (*op. cit.*, p. 64-73) que analisa mais detidamente os nexos porque a concepção de história de Ranke, tendo por ponto de partida as diretrizes de filologia histórica firmadas por Gottfried Hermann, dela diverge cientificando suas insuficiências enquanto fundamento metodológico para a escrita da história.

¹¹ DESIDERI, *op. cit.*, p. 1003. Confiram-se ainda os apontamentos dados por Francesco Donadio (RANKE, Leopold von. *Lutero e l'idea di Storia Universale*. A cura di Francesco Donadio e Fulvio Tessitore, Napoli: Guida editori, 1986, p. 12) referindo-se a recordações do ano de 1863 em que Ranke identificava “os elementos fundamentais” da fermentação de sua concepção de história, associando Tucídides, Niebuhr, Lutero e Fichte, mais os de BELLA, Santi di. *op. cit.*, p. 56.

paralelo¹² os teores do Prólogo da *Guerra dos Peloponésios e Atenienses*. Contrapontos de pensamentos respeitantes à escrita da história, quer por similitudes de princípios, quer por diferenças de categorias conceituais, dadas as distintas historicidades, pontuam os textos dos dois historiadores, antigo e moderno.

A reflexão de Ranke principia fazendo divergir as proposições de sua história das recomendações ditadas tradicionalmente pelo *tópos* da *historia magistra vitae*: “À história tem sido atribuído o ofício de julgar o passado e instruir o presente em benefício dos tempos futuros. A um tal elevado ofício a presente obra não aspira; ela pretende apenas dizer [mostrar] o que realmente aconteceu [*wie es eigentlich gewesen*]”.¹³

Tal o “famigerado” lema historiográfico, eternamente repetido como espécie de dístico emblemático da história rankeana, não raro “vilipendiada” por “positivista”: *zeigen wie es eigentlich gewesen*. Alguns entendem inclusive – é a tese proposta por K. Repgen¹⁴ – que Ranke derivara esta célebre fórmula de Tucídides, quase que uma citação, pois o historiador ateniense expressara em termos similares o princípio de narrativa factual porque ele descrevera a peste de Atenas (II.48): “*ich will nur schildern, wie es war*”. A autoridade de Moses I. Finley referendou a tese.¹⁵ Santo Mazzarino igualmente a sugeriu, nisto também

¹² O paralelo foi já explorado por Hajo Holborn (The Science of History. In: *History and the Humanities*, New York: Doubleday & Company, 1972, p. 81-97) por argumentos diversos dos que estamos propondo.

¹³ Pela tradução inglesa de Roger Wines (*op. cit.*, p. 58), apenas repondo o “sagen” (dizer) da edição original de 1824, substituído por “zeigen” (mostrar) na de 1874 (LOBO, Ana Lúcia Mandacarú; PAYEN, Pascal. La ‘Question Historique’ de ‘L’Unité’: L’Herméneutique de Droysen face à Hegel et Ranke. In: *Johann Gustav Droysen. L’avènement du paradigme herméneutique dans les sciences humaines*. Sous la direction de Jean-Claude Gens, Argenteuil: Le Cercle herméneutique, 2009, p. 63). Para as variantes da fórmula original nos textos posteriores de Ranke mais o destaque dado ao entendimento do “wie” da frase rankeana, vejam-se as indicações e as análises de Ana Lúcia Lobo no ensaio conjunto com Pascal Payen (*op. cit.*, p. 59 e 62) e em seu artigo de 2007 (LOBO, Ana Lúcia Mandacarú. “Wie es eigentlich gewesen ist”, “Wie es eigentlich geschehen ist”: a percepção rankeana da história frente às vicissitudes da subjetividade em Freud. In: *Antigos e Modernos: diálogos sobre a (escrita da) história*. Organizado por Francisco Murari Pires. São Paulo: Alameda-Capes-CNPq, 2009, p. 497-498). Para o entendimento do “eigentlich” rankeano confirmam-se os estudos de Georg G. Iggers (*The German Conception of History. The National Tradition of Historical Thought from Herder to the Present*. rev. ed., Hanover, 1988, p. 54) e os comentários de Fulvio Tessitore (Teoria del *Verstehen* e Idea della Weltgeschichte in Ranke. In: *Le Epoche della Storia Moderna*. A cura di Franco Pugliese Carratelli, Napoli: Bibliopolis, 1984, p. 36-37 e 59).

¹⁴ Über Rankes Diktum von 1824: ‘bloss sagen, wie es eigentlich gewesen’. *Historisches Jahrbuch*. 102, 1982, p. 439-449.

¹⁵ FINLEY, Moses I. *História Antiga. Testemunhos e Modelos*. Tradução de Walter Lellis Siqueira, São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 64 e 151.

seguido por Marcello Catarzi¹⁶ mais Maria Luisa Silvestre¹⁷, e ainda Anthony Grafton¹⁸, Donald R. Kelley¹⁹ mais Reinhart Koselleck²⁰.

O filólogo clássico Ronald S. Stroud, em breve artigo publicado no periódico germânico *Hermes* de secular tradição exegética no campo dos *Estudos Clássicos*, contestou a suposta identificação tucidiana do lema de Ranke. Submetendo a tese de Reppen a acurado e minucioso exame, perscrutou a sintaxe que estrutura, quer a frase de Ranke (no alemão), quer a de Tucídides (no original grego e em seu (des)entendimento pela versão alemã que Reppen segue) para concluir que a tese de Reppen repousa apenas num mal-entendido filológico: o que Tucídides disse em grego referindo-se à descrição da peste de Atenas não corresponderia exatamente à ideia sobre a escrita da história que Ranke formulara em alemão.²¹

Já Arnaldo Momigliano apontava na fórmula de Ranke antes a herança de Luciano (*Como escrever a história*, 39): “Foi ele, como todos sabemos, o homem que proveu Ranke de uma antecipação de seu motto: ‘a única tarefa do historiador é contar a história como ela aconteceu’”.²² Mas, como bem o lembra Peter Burke, o *tópos* que essa expressão consagra difundira-se pela modernidade vindo desde o século XVI, presente quer em Johann Sleidan, em seus *Comentários* sobre o reinado de Carlos V (“prout quaeque res acta fuit”), quer em La Popelinière (“réciter la chose comme elle est advenue”).²³ Girolamo Cotroneo, de seu lado, reconhece a presença do lema rankeano já em Francesco Robortello (*De facultate historica disputatio*, 1548).²⁴ Precisamente, uma formulação similar encontra-se também em Wilhelm von Humboldt, logo na frase inaugural de seu ensaio sobre

¹⁶ CATARZI, Marcello. *Tucidide nella Storiografia Moderna. op. cit.*, p. 126-7.

¹⁷ SILVESTRE, Maria Luisa. *Tucidide nella Storiografia moderna. op. cit.*, p. 350.

¹⁸ GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição. Pequeno Tratado sobre a nota de rodapé*. Trad. de Enid Abreu Dobranszky, Campinas: Papirus, 1998, p. 68-69.

¹⁹ KELLEY, Donald R. *Fortunes of History. Historical Inquiry from Herder to Huizinga*. New-Haven; London: Yale University Press, 2003, p. 134-135.

²⁰ KOSELLECK, Reinhart. Le concept d'histoire. In: *L'expérience de l'histoire*. Traduit de l'allemand par Alexandre Escudier avec la collaboration de Diane Meur, Marie-Claire Hoock et Jochen Hoock, Paris: Gallimard; Le Seuil, 1997, p. 216.

²¹ STROUD, Ronald S. Wie es eigentlich gewesen and Thucydides 2.48.3. *Hermes*, 115, 1987, p. 381.

²² MOMIGLIANO, Arnaldo. History between Medicine and Rhetoric. In: *Ottavo Contributo alla Storia degli Studi Classici e del Mondo Antico*. Roma, 1987, p. 19. Em sua nota bibliográfica ao fim do ensaio, Momigliano faz referência ao artigo de Reppen.

²³ BURKE, Peter. Ranke the Reactionary. In: *Leopold von Ranke and the Shaping of the Historical Discipline*. Edited by Georg G. Iggers and James M. Powell, Syracuse: Syracuse University Press, 1990, p. 37.

²⁴ “... un diverso modo di sporre i fatti che potesse, pur nel rispetto della verità (“uti gestae fuerint” dice il Robortello anticipando di trecento anni la formula di Ranke”. COTRONEO, Girolamo. *I trattatisti dell'Ars historica*. Napoli: Giannini editore, 1971, p. 143.

a *Tarefa do Historiador*, que data de 1821, apenas três anos antes da frase de Ranke: “A tarefa do historiador é apresentar o que efetivamente aconteceu (was sich wirklich zugetragen hat)”²⁵

Dissociando nossa reflexão de uma tal polêmica de pruridos exegeticos de reconstituição da história em termos de *Quellenforschung*, que antes desanda por trilhas ociosas de investigação, retomemos o texto de Ranke enveredando por outras vias os modos de operar a aproximação com as questões postas pela escrita da história tucídideana.

Por aquela, apenas aparentemente singela e modesta fórmula por que o historiador define sinteticamente qual fosse todo o propósito do saber histórico – *zeigen wie es eigentlich gewesen* –, Ranke busca ancorar em bases firmes a vocação da história, resguardando-a contra as pretensões de voos altaneiros porque outrora a haviam desviado e, pois, perdido. O saber histórico atém-se ao horizonte cognitivo dos fatos. Não lhe respeitam, portanto, propriamente os atos do juízo que decide a axiologia da experiência legada pelo passado, para arrogar-se então o poder de direcionar o futuro humano pelas lições históricas atualizadas no presente.²⁶ O que não deixa de lembrar a similar aparente modéstia da proclamação teleológica tucídideana, que também deposita no conhecimento dos fatos a pretensão maior de valia do saber historiográfico, sem mais outras precisas e específicas recomendações de teor vislumbrado que não as assim ambigualmente aludidas ou senão mesmo silenciadas por sua declaração:

Mas, a quantos desejarem observar com clareza os acontecimentos ocorridos, e também os futuros que então novamente, pelo que respeita ao humano, ocorrerão tais quais e análogos, julgarem tais coisas úteis, será o bastante. Constituem uma aquisição para sempre, antes do que uma récita ouvida em um concurso.²⁷

Se apreciada na trilha dos diálogos com o tesouro clássico antigo, a reflexão de Ranke, por oposição à utilidade recomendada pela *historia magistra vitae*²⁸

²⁵ Pela tradução inglesa editada em *History and Theory*; HUMBOLDT, Wilhelm von. On the Historian's Task. *History and Theory*, 6.1, 1967, p. 57. Confira-se também o apontamento dado por Fulvio Tessitore (*op. cit.*, 1984, p. 49).

²⁶ Confirmam-se nesse sentido as ponderações de Koselleck respeitantes à mutação na concepção de história de fins do século XVIII passando da “moralização” pelo “juízo do historiador” para a “história processo” que comporta a figuração da própria “história como tribunal” (*op. cit.*, 1997, p. 37-40).

²⁷ Tucídides, I.22.4.

²⁸ O apelo à fórmula retornaria anos depois quando da atuação de Ranke como redator da *Historisch-politische Zeitschrift*. KOSELLECK, Reinhart. “*Historia magistra vitae*”. De la dissolution du “topos” dans l’histoire moderne en mouvement. In: *Le Futur Passé. Contribution à la sémantique des temps historiques*. Traduit de l’allemand par Jochen Hoock et Marie-Claire Hoock, Paris:

latina (ainda moderna até fins do século XVIII²⁹), reclama um modo de autonomia cognitiva para a história que remonta, originariamente, às questões implicadas pelo *ktema es aei* tucidideano, dizendo que o saber histórico não sujeita sua teleologia pelos imperativos ditados pelas vicissitudes pragmáticas do presente.³⁰

Firmado o desígnio cognitivo por que se define a escrita da história como exposição dos fatos, o primeiro passo metodológico requer o delineamento heurístico que repertoria o leque de registros memorizados que informam e noticiam os acontecimentos:

A base desta obra, as fontes de seus materiais, foi toda uma série de memórias, diários, cartas, memoriais de embaixadores e relatos diretos de testemunhos presenciais dos fatos historiados. Somente recorremos a outra classe de escritos nos casos em que estes apareciam baseados diretamente naqueles testemunhos ou acreditavam, em mais ou menos larga medida, num conhecimento original dos mesmos.³¹

À heurística rankeana, que se fundamenta no primado das *fontes primárias* enquanto instâncias discursivas por testemunhas presenciais dos acontecimentos, corresponde o imperativo da *autópsia* tucidideana: “Já quanto às ações praticadas na guerra, preferi registrar não a partir de informes ocasionais e nem por minha apreciação, mas sim por aquelas a que eu próprio presenciei e também junto a outros (que as presenciaram) obtendo com tanta exatidão quanto possível a respeito de cada uma”.³² A realidade dos fatos históricos deriva da atualidade

Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1990, p. 47.

²⁹ Para a crise do topos da *historia magistra vitae* por fins do século XVIII ver: Reinhart Koselleck, *op. cit.*, 1990, p. 37-62 e François Hartog, *Time, History and the Writing of History: the Order of Time. KVHAA Konferenser 37* (1996), p. 95-113.

³⁰ Na preleção ao curso de *História do nosso tempo desde 1815* ministrado no semestre de verão de 1845, Ranke (*Lutero e l'idea di Storia Universale, op. cit.*, p. 214-215) reafirma, em nome de sua própria concepção de história e consoante ideal de “imparcialidade”, o lema tucidideano do *ktema es aei* porque o saber histórico seja projetado como “uma aquisição, um bem para sempre, independente das paixões do momento”; confira-se também RANKE, *Vorlesungseleitungen, op. cit.*, p. 162. Para o entendimento que, em aproximando, faz antagonizar a famosa fórmula rankeana relativamente à concepção de história tucidideana, veja-se HOLBORN, Hajo. *The Science of History*. In: *History and the Humanities*. New York: Doubleday & Company, 1972, p. 90-91; já para o entendimento do *ktema es aei* tucidideano como pré-concepção da *historia magistra vitae*, vejam-se as reflexões por que François Hartog (*Le cas grec: du ktéma à l'exemplum en passant par l'Archéologie. Extrême Orient, Extrême Occident*, 19, 1997, p. 127-137) acompanha a trajetória histórica que leva daquele a esta.

³¹ WINES, *op. cit.*, p. 58.

³² Tucídides, I.22.1-3. A aproximação tucidideana do princípio proposto por Ranke é também apontada por BELLA, Santi di, *op. cit.*, p. 49.

constitutiva de seus informes: dizem os acontecimentos quem os presenciou, deles partícipes e/ou testemunhas.

Correspondência de princípio de heurística historiográfica que, entretanto, busca seus fundamentos por epistemologias de concepções de temporalidades históricas, antiga-tucídideana e moderna-rankeana, ironicamente inversas. Para Tucídides, a ciência da história se dá pelo tempo presente definido em termos de unicidade temporal: concomitância entre tempo por que se efetivam os acontecimentos mesmos e tempo em que se executa a ação discursiva de seu sujeito historiante. Tempo presente que, conjugando a duração dos acontecimentos com a existência do historiador, demarca a viabilidade humana constitutiva de sua *autópsia* cognitiva (a possibilidade temporal de fundar os informes pelo fato da presença factual).³³ Imperativo de um saber cristalino, privilegia o presente como tempo histórico contra a exclusão do passado, assim definido em oposição. Para Ranke, pelo contrário, o tempo histórico é pensado em termos de uma consciência de defasagem, distância entre o passado dos acontecimentos e o presente do sujeito historiante: é justo pelo distanciamento que se viabiliza a moderna ciência histórica.³⁴ A epistemologia antiga, especialmente tucídideana, radicaliza a identidade presente da história, ao passo que a moderna, de herança rankeana, delimita a distância passada da história.

Repertório documental de registros memorizados dos acontecimentos demarca a matéria bruta da história, a ser então trabalhada criticamente pelo método investigativo, consolidado por fundamento “filológico”.³⁵ Este, pelas formulações firmadas pelo prefácio rankeano, constitui operação de crítica histórica primordial para a (re)constituição dos fatos.³⁶ Tanto que sua exposição discursiva se

³³ HARTOG, François. L’oeil de Thucydide et l’histoire véritable. *Poétique*, 49, 1982, p. 23-25; e Idem, 1997, *op. cit.*, p. 128-129; MURARI PIRES, Francisco. *Mithistória*. São Paulo: Humanitas; Fapesp, 1999, p. 256-272.

³⁴ Vejam-se especialmente as ponderações externadas na Preleção à *Primeira Parte da História Universal ou História do Mundo Antigo* ministrada no semestre de verão de 1848 (*Vorlesungseinleitungen*, *op. cit.*, p. 198; RANKE. *Lutero e l’idea di Storia Universale*, *op. cit.*, p. 223) bem como a citação feita por CALVEZ, Jean-Yves. *Politique et histoire en Allemagne au XIXe siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001, p. 119. Confirmam-se ainda: HOLBORN, Hajo. Introducing Thucydides. In: *History and the Humanities*. New York: Doubleday & Company, 1972, p. 43; MAZZARINO, Santo. *Il Pensiero Storico Classico*. Bari: Editori Laterza, 1990, v. 3, p. 368; mais as considerações respeitantes à “Escola histórica alemã” apontadas por KOSELLECK, R. *op. cit.*, 1990, p. 52-53.

³⁵ O alinhamento metodológico das concepções historiográficas do jovem Ranke pela vertente da tradição filológica é marcado por Santi di Bella (*op. cit.*, p. 17 e 34).

³⁶ Ainda quando da elaboração da *Weltgeschichte* nos anos finais de sua vida, Ranke insistia na prescrição fundamental da “história investigada à luz da crítica” (confirmam-se as indicações dadas

autonomiza, corporificando obra reflexiva paralela: “O método de investigação e os resultados críticos serão expostos em outro livro, que entregamos à prensa juntamente com este”.³⁷ Decisão que diz tanto da essencialidade da questão do método³⁸ quanto, todavia, de um intrigante alheamento de seus teores no que respeita à definitiva apreciação dos méritos porque se avalia o êxito de uma obra historiográfica. Trata-se agora, prossegue Ranke, de pensar antes a questão da forma:

O propósito e o assunto delineiam a forma do livro (...). A estrita apresentação dos fatos, por contingentes e não atraentes que possam ser, constitui a mais elevada lei da história. Uma segunda, no meu entender, é o desenvolvimento da unidade e progresso dos acontecimentos (...). Desse modo estaremos melhor habilitados para apreender a linha geral de seu desenvolvimento, os percursos que eles seguiram, e as ideias pelas quais foram motivados.³⁹

História é a estrita exposição dos fatos, que, todavia, ganha sentido se sublimada por forma narrativa que desvende a(s) ideia(s) que determina(m) a singularidade de seu desenvolvimento, subordinando sua exposição a uma dada ordem e nexos de sentidos. Daí o dilema que impende sobre sua realização:

Finally what will be said of my treatment of particulars, which is such an essential part of the writing of history? Will it not often seem harsh, disconnected, colorless, and tiring? There are, of course, noble models both ancient and – be it remembered – modern. I have not dared to emulate them: theirs was a different world. A sublime ideal does exist: the event in its human intelligibility, its unity, and its diversity; this should be within one’s reach. I know to what extent I have fallen short of my aim. One tries, one strives, but in the end it is not attained. Let none be disheartened by this! The most important thing is always what we deal with, as Jakobi says, humanity as it is, explicable or inexplicable: the life of the individual, of generations, and of nations, and at times the hand of God above them.⁴⁰

por TESSITORE, Fulvio, *op. cit.*, 1984, p. 71).

³⁷ Trata-se do *Zur Kritik neuerer Geschichtsschreiber* (WINES, *op. cit.*, p. 58).

³⁸ Confram-se nesse sentido os comentários de Santi di Bella (*op. cit.*, p. 64) apontando a diferença que a proposição de Ranke marca em relação à orientação até então vigente, assim consagrada por Niebuhr, a qual entrelaçava os argumentos das questões do método crítico na própria conformação narrativa (re)constituidora dos acontecimentos.

³⁹ WINES, *op. cit.*, p. 58. O requisito da “forma” da história que apreenda a unidade e sentido do desenrolar dos acontecimentos consta das formulações de Humboldt em seu célebre ensaio datando de 1821 (confram-se os comentários de KOSELLECK, *op. cit.*, 1997, p. 36-37).

⁴⁰ STERN, Fritz. *The Varieties of History From Voltaire to the Present*. Edited, selected and introduced by Fritz Stern, New York: Vintage Books, 1973, p. 57-58. Meus encarecidos agradecimentos a Ana Mandacarú Lobo, atualmente terminando Tese de Doutorado na EPHE (Paris, sob orientação de Jacques Le Rider) sobre as concepções de temporalidade histórica em Ranke,

Os críticos modernos apontam do texto de Ranke nuances de um jogo entre “desespero” e/ou “modéstia” permeando sua retórica.⁴¹ Mas ambas, “desespero e modéstia”, no meu entender, ambíguas. É “desencorajador” na medida em que o historiador, face à obra acabada, ganha consciência de um certo fracasso, talvez aflitivo. E, todavia, “ninguém deve desencorajar, pois o mais importante sempre é aquilo de que tratamos, como disse Jakobi, a humanidade como ela é, explicável ou inexplicável: a vida do indivíduo, das gerações, dos povos, às vezes a mão de Deus sobre eles”. É “aflitivo” porque não realiza plenamente o ideal que inspirava a razão por que o trabalho fora encetado, mas que no fim, e só no fim, se conscientiza como sendo de algum modo ilusório, inalcançável, dado que o sublime é transcendente. Mas, também, não é “aflitivo”, porque só assim o é enquanto algo inconsequentemente aflitivo: uma aflição que não deve, entretanto, causar o que é sua efetividade própria, o “desespero” que “desencoraja”! Porque, se o sujeito historiante fracassa ou fica aquém de seu ideal, o objeto historiado não, antes é levado a cabo, avançou-se em seu conhecimento. A missão de historiador submete os penares, as limitações e mesmo os fracassos do sujeito historiante aos valores imanes dos destinos humanos que são por ele historiados. Pela axiologia que define o valor da práxis historiográfica enquanto modalidade humana de constituição de conhecimento, a valoração do que respeita ao sujeito, a um indivíduo historiador, é superada pela valoração do que respeita ao objeto de sua obra, ou seja, a humanidade, e mais ainda, além dela, quando apreensível, a Providência, a “mão de Deus”. Axiologia historiográfica que se firma, portanto, deslocando a questão dos valores: do âmbito do sujeito para o da obra.

E a obra resultante, assim assinalada por Ranke, é dupla: é tanto a obra acerca da unidade do objeto factual em questão quanto a obra acerca do método, ambas produtos de seu singular e individual trabalho historiante. Curiosamente, em Tucídides a retórica epistemológica do Prólogo de sua obra opera um similar deslocamento entre valoração pelo sujeito e valoração pela obra, o que também se articula, por um lado, com a questão da axiologia suposta pela obra (a unidade do objeto avaliada em sua grandeza superlativa imanente: a Guerra dos peloponésios

Droysen e Freud, e que me advertiu dos problemas intrincados da tradução desta passagem de Ranke, de que presentemente ela prepara uma tradução (o Prefácio de 1824) para o português, a partir do texto original em alemão, e que em breve será editada com comentários. No aguardo desta melhor tradução, transcrevemos acima a versão inglesa de Fritz Stern, em contraposição à de Wines que vínhamos adotando até aqui a assim marcar a questão da problemática tradução com que os intérpretes avaliam o sentido da frase rankeana.

⁴¹ KRIEGER, Leonard. *Ranke. The Meaning of History*. Chicago: The University of Chicago Press, 1977, p. 110; IGGERS, *op. cit.*, p. 67.

e atenienses), e, por outro, com a questão da “metodologia”, em especial com o que se costumou denominar, no horizonte da tradição dos estudos tucidideanos⁴², de o silêncio ou a elisão de sua presença narrativa enquanto sujeito da composição.

Também para Tucídides, como em Ranke, aquela primeira questão, a da axiologia, tem, pela retórica do Prólogo, primado sobre a segunda, a da metodologia. A metodologia integra a reflexão do Prólogo porque é reclamada pela axiologia, porque é dela decorrente: constitui item argumentativo de fundamentação das razões por que se prova a grandeza superior da guerra a ser narrada. E é pela grandeza superlativa do objeto, que ele consagra em sua obra, que se consolida a primazia historiográfica de Tucídides na agonística com seus antecessores, quer poetas (Homero, pela guerra de Tróia), quer logógrafos (Heródoto, pelas guerras Medas). A valoração da obra reverbera seus efeitos glorificantes sobre a valoração do sujeito que a compõe.

Quanto ao procedimento de ocultamento metodológico tucidideano, ele é intrigado pela declaração com que Tucídides encerra a exposição de seus princípios de (re)constituição dos fatos: “no que respeita às ações praticadas na guerra, penosamente as apreendi, porque os que estiveram presentes a cada um dos acontecimentos não diziam as mesmas coisas acerca dos mesmos fatos, mas sim conforme sua inclinação por um dos lados ou sua memória”.⁴³ Esse *penosamente apreendi os fatos* ressoa eco paralelo à confissão rankeana que diz do ideal (in)alcançável: “Este ideal vale também para nós, mas sei muito bem o quão longe estou dele. Uma pessoa se esforça por alcançá-lo, aspira a ele; porém, tardiamente (no fim: *am Ende*) dá-se conta de que não o conseguiu”. O paralelo assim estabelecido contrapõe, na obra do historiador apreciada em termos de seu ideal de apreensão dos fatos, por um lado, a declaração do êxito ou sucesso tucidideano, contra, de outro, o reconhecimento do fracasso ou frustração rankeana. Disparidade de consciências tanto mais intrigante pelo fato de que ambos dedicaram nesse empenho historiante trabalhos igualmente ingentes. Não se trata, pois, de uma questão de diligência e método por Tucídides (daí, o ideal consumado), contra, de outro, sua falta ou negligência por Ranke (daí, o ideal frustrado)! A intriga a que este ecoamento dos dizeres dos Prólogos responde tem antes a ver com a formulação retórica por que ambos envolvem as declarações de seus respectivos prólogos.

Por Tucídides, a capacidade historiográfica é representada por tal excelência distintiva de superioridade individual (*areté*) que configura a autoridade de

⁴² LORAUX, Nicole. Thucydide a écrit la Guerre du Péloponnèse. *Metis*, 1, 1986, p. 139-140.

⁴³ Tucídides, 1.22.3. Confira-se MURARI PIRES, *op. cit.*, p. 278.

seu sujeito humano em padrões heroizantes.⁴⁴ O historiador alcança e realiza como obra algo que é humanamente impossível, algo que transcende o âmbito do humano, que supera suas limitações ordinárias: algo, portanto, por um lado, divino; mas, por outro, porque é consumado com dificuldades, com trabalho e penar, algo também acusado como próprio da condição humana, de que o trabalho e o penar compõem item estigmatizador. Justamente, então, obra heroica, essa ambígua categoria por que se (con)funde humano com divino.⁴⁵

Ora, pelos dizeres do Prólogo de Ranke, especialmente apreciados em termos do jogo entre “modéstia” e “angústia”, similarmente se os articula numa retórica de formulação ambígua. Por um lado, considerando a obra rankeana como a obra do método – o sistema de ordenação das regras e princípios da crítica – tem-se a antípoda moderna, no horizonte histórico da “religiosidade” rankeana, do que fosse a virtude heroizante antiga. Ao conscientizar a “angústia” e assumir a “modéstia”, Ranke firma plenamente o reconhecimento da humanidade de seu trabalho e de sua obra. Ele não julga o passado histórico, pois não seria esse um juízo equívoco e indevido?⁴⁶ Se os humanos jamais alcançam os fatos mesmos na sua plenitude e unidade, como julgar com propriedade justiceira? O Juízo da História, se é que ele se impõe, só pode respeitar à onisciência divina⁴⁷ e não às limitações cognitivas dos homens, historiadores inclusive.

Já o “*zeigen wie es eigentlich gewesen*” viabiliza a história enquanto práxis humana. Dessa teleologia histórica resulta a aquisição do método, o qual disponibiliza o ofício historiográfico como bem comum, a ser cultivado e exercitado (a instituição dos seminários responde por essa prática⁴⁸), e mesmo preceituado como imperativo para a obra de todo historiador indistintamente⁴⁹: todos seguem as

⁴⁴ LORAUX, *op. cit.*, p. 146-147 e 154-155; MURARI PIRES, Francisco. Thucydide et l’assemblée sur Pylos (IV.26-28): rhétorique de la méthode, figure de l’autorité et détours de la mémoire. *Ancient History Bulletin*, 17, 2003, p. 115.

⁴⁵ MURARI PIRES, *op. cit.*, p. 287-292; MURARI PIRES, *op. cit.*, p. 114-115.

⁴⁶ Anos depois, em *Serbien und die Türkei*, Ranke afirmaria, antagonizando Hegel: “a história não é um tribunal” (citado por TESSITORE, Fulvio, *op. cit.*, 1984, p. 43). E no manuscrito dos anos 1830 sobre “O caráter da ciência histórica” argumenta novamente contra tal proposição porque arruína o imperativo da imparcialidade, então proclamando que ao historiador se impõe primordialmente “compreender” antes do que “julgar”. RANKE, Leopold von. *Le Epoche della Storia Moderna*. A cura di Franco Pugliese Carratelli, Napoli: Bibliopolis, 1984. p. 297.

⁴⁷ “Somente Deus conhece a história universal”, declararia Ranke no manuscrito dos anos 1830 *Epoche della storia moderna*, 1984, p. 299.

⁴⁸ KRIEGER, *op. cit.*, p. 2.

⁴⁹ Já apontado por CASSIRER, Ernst. *The Problem of Knowledge. Philosophy, Science & History since Hegel*. Translated by William H. Woglom and Charles W. Hendel, New Haven; London: Yale University Press, 1978, p. 236.

mesmas regras e preceitos, todos reiteram as mesmas atitudes de trabalho de crítica a configurar no historiador moderno, não mais a figura de um herói, e sim, antes, a de uma falange historiográfica. Todavia, todo o compêndio metodológico, por primorosas e mais completas que sejam suas virtudes de crítica historiográfica, não assegura, para cada historiador, que ele alcance o que de mais excelso há na obra de história, a apreensão da unidade, da ideia que conforma o sentido dos acontecimentos e fatos. Então, é antes pela excelência da obra efetivada, quando nela fulguram momentos por que ganhamos (cons)ciência da “mão de Deus” na história, que melhor se aprecia a virtuosidade distintiva de seu singular sujeito historiante.⁵⁰

Pela moderna concepção rankeana de história, o deslocamento da figura do herói antigo faz vislumbrar alguma figuração de “genialidade” na obra do historiador⁵¹, a assim apontar, em novo âmbito histórico de pietismo religioso em que se move a reflexão do jovem Ranke⁵², a ambígua proximidade/distância a contrapor/conciliar a condição humana com a sublimidade divina.⁵³

⁵⁰ A importância decisiva do aspecto “criativo” (“imaginativo-intuitivo”) - “talento” algo “visionário” por “pressentimento” ativado por “espontânea simpatia” (RANKE, *Tagebücher*, *op. cit.*, p. 120; confira-se BELLA, Santi di, *op. cit.*, p. 34) porque, pela figuração de “genialidade” da práxis historiográfica, se aprecie a formulação excelsa do saber histórico, que nossa análise vislumbra na argumentação do prefácio de 1824, é plenamente desenvolvida para os anos de amadurecimento da “metodologia” rankeana (1828-1836, especialmente “em torno a 1830-1831 quando se intensifica o confronto de Ranke com a lógica da filosofia da história de Hegel e se detalham no plano técnico do método as razões de sua refutação”) pelas análises de Santi di Bella no capítulo final de sua obra (*L’oggettività estetica dello storico*, *op. cit.*, p. 281-315). Os nexos de articulação conceitual porque assim se diz do especial procedimento de práxis historiográfica como “intuição”, “imaginação” e “divinatio” são apontados profusamente por Santi di Bella, comparecendo igualmente nas análises de Theodor von Laue (*op. cit.*, p. 43) e de Peter Hans Reill (*History and the Life-Sciences in the Early Nineteenth Century*. Wilhelm von Humboldt and Leopold von Ranke. In: *Leopold von Ranke and the Shaping of the Historical Discipline*. Edited by Georg G. Iggers and James M. Powell. Syracuse: Syracuse University Press, 1990, p. 27-28). Uma apreciação analítica da “antecipação” desse conglomerado conceitual na abordagem da *praxis* historiográfica teorizada por Johann Christian Gatterer, um dos principais historiadores da Escola de Göttingen, veja-se o artigo de REILL, Peter Hans. *History and Hermeneutics in the Aufklärung: The Thought of Johann Christoph Gatterer*. *The Journal of Modern History*, 45.1, 1973, p. 41ss.

⁵¹ Para uma similar aproximação da obra historiográfica em termos da ideia de genialidade, vejam-se as expressas reflexões de Eduard Meyer em seu ensaio *Sobre La Teoria y La Metodologia de La Historia*, *El historiador y la Historia antigua*, Mexico; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1955 (trad. de l’allemand par C. Silva), p. 14; e de DROYSEN, J. G. *Istorica*. Milan: Alfredo Guida, 2003, p. 151-153.

⁵² Neste sentido vejam-se os comentários de Iggers (*op. cit.*, p. 76-80), de Tessitore (*op. cit.*, 1984, p. 38-40) e de Santi di Bella (*op. cit.*, p. 73-91).

⁵³ Confiram-se nesse sentido as análises de Fulvio Tessitore (*op. cit.*, 1984, p. 72s) respeitantes ao “*pathos* religioso da história rankena”, bem como as reflexões da obra de Carl Hinrichs (*Ranke e la teologia della storia dell’età di Goethe*) respeitantes à passagem da figuração *prometeica* da mitologia clássica à centralidade da do *Cristo* na *Weltgeschichte* de Ranke também comentadas

2. Barthold Georg Niebuhr

Na Páscoa de 1794, aos dezessete anos e meio, Niebuhr começou a frequentar os cursos de Ciências Naturais, Filosofia e História na universidade de Kiel.⁵⁴ O direcionamento por que se encaminhavam os rumos de seu futuro profissional logo se descortinaram ao jovem por novembro daquele ano, então vislumbrados ao refletir as recomendações com que o aconselhava o tutor acadêmico, Dr. Hensler, que “acalentava ideias a respeito de sua carreira, desejando que ele se tornasse um filósofo natural, e tomasse a história natural da Antiguidade como o objeto especial de suas investigações”. “Boa, bela e digna ocupação”, assentiu Niebuhr em carta endereçada aos pais⁵⁵, sem, todavia, deixar-se seduzir pessoalmente, ao antes firmar a ambiguidade de sua (dis) concordância: assim o era “para os que a apreciam”. Tinha já bem claros quais eram os anseios por que estimava as vocações de seu destino:

pelo peculiar direcionamento de minha mente e talentos, acredito que a natureza pretende que eu seja um homem de letras, um historiador dos tempos antigos e modernos, um estadista e talvez um homem do mundo; conquanto que este último, queira Deus, nem no sentido estrito do termo nem naquele horroroso que usualmente se lhe associa. Entrementes, meu pendor individual certamente se imporá; e, se meu nome vier a ser celebrado, gostaria de ser conhecido como um historiador e escritor político, como um antiquarianista e filólogo.

Não, “a história era sua vocação”.⁵⁶ Apenas nessa medida Niebuhr projetava a finalidade porque acolhia aqueles estudos filosóficos sugeridos por Hensler, então conscientizando a valia de qualidades que eles prestariam à melhor realização de sua missão historiográfica:

Estudo as ciências de que Hensler gostaria que fossem meu propósito último meramente como meios de prover uma maior riqueza de ideias, de tornar meu coração e meu pensamento claros e lúcidos, ou mesmo a fim de submeter meu pobre coração, que se entregaria a sentimentalismos e errâncias, a meu pensamento.⁵⁷

por Fulvio Tessitore (*op. cit.*, 1984, p. 76s).

⁵⁴ A cidade, então integrada à Dinamarca (desde 1773), passaria a domínio prussiano somente em 1866.

⁵⁵ Kiel, 16 de novembro de 1794. NIEBUHR, Barthold Georg. *The Life and Letters of Barthold Georg Niebuhr*. 3 v., edited and translated by Susanna Winkworth, London: Chapman and Hall, 1852, v. 1, p. 47.

⁵⁶ Kiel, 2 de agosto de 1794. Idem, *Ibidem*, v. 1, p. 42-43.

⁵⁷ Kiel, 16 de novembro de 1794. Idem, *Ibidem*, v. 1, p. 47.

Mesmo quando tolhia seus desejos de entregar-se aos estudos históricos, pois reprimidos pelo dever dos empenhos filosóficos, tanto mais firmava a axiologia de sua estima:

Infelizmente não disponho de tempo no momento para empregar em tais [questões]. E, todavia, cada vez mais aumenta meu amor pela história, tanto que meu fervor pela leitura da história interfere em minha dedicação à filosofia, ao passo que nenhuma filosofia pode abrandar minha inclinação pela história.⁵⁸

Dez anos mais tarde, maio de 1804, as feições do destino vocacional de Niebuhr ganhavam fisionomia cristalina: seria o historiador de Roma Antiga, êmulo moderno de Tito Lívio. Ele assim narra as descobertas então experienciadas:

(...) estava me dedicando a uma obra que me propiciou horas do mais intenso contentamento. Estive empenhando todos os poderes de minha mente na investigação da história romana desde seus inícios até a época da tirania, por todas as reminiscências de autores antigos que pude obter. Este trabalho me deu uma visão aprofundada e viva da antiguidade romana, como jamais tivera antes, e tal que me fez perceber, ao mesmo tempo, com clareza e vida, que as representações de todos os modernos, sem exceção, estão equivocadas, relances imperfeitos da verdade. (...) De volta a casa, retomei minhas investigações com redobrada energia, e pela primeira vez senti fortemente a consciência de que poderia produzir algo digno de estudo, fama e imortalidade, e o desejo de empreender uma tal obra. Dei início a um tratado, de descortino abrangente e de corajosa liberdade de pensamento, acerca das leis romanas respeitantes à propriedade mais a história das leis agrárias. (...) bem como uma série de ensaios sobre tópicos e períodos isolados da história antiga.⁵⁹

Algum tempo depois, opção de um destino já decidido e mesmo vislumbrado seu desfecho:

Invejo-vos as lembranças de vossa viagem à Itália. É duro para mim pensar que jamais verei a terra que foi o cenário dos feitos com os quais talvez eu possa dizer que tenha maior conhecimento do que qualquer de meus contemporâneos. Estudei a história romana com todo o empenho de que minha mente tem sido capaz em seus momentos mais felizes, e acredito que possa afirmar esse conhecimento sem vaidade. Essa história comporá também, se me puser a escrever, o objeto da maioria de minhas obras.⁶⁰

⁵⁸ Kiel, 30 de novembro de 1794. Idem, *Ibidem*, v. 1, p. 49.

⁵⁹ Ao Conde Adam Moltke, Copenhague, 21 de maio de 1804 (*op. cit.*, v. 1, p. 183-184).

⁶⁰ Carta ao Conde Adam Moltke, Copenhague 21 novembro 1804. NIEBUHR, Barthold Georg. *Die Briefe Barthold Georg Niebuhrs*. Herausgegeben von Dietrich Gerhard und William Norvin, Band I, 1776-1809, Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1926, v. 1, p. 314-319.

A 14 de outubro de 1806 Napoleão derrotava o exército prussiano em Iena. Paralelamente em Auerstadt, outra parte do exército fora derrotada por Louis-Nicolas Davout. A 25 de outubro Bonaparte entra em Berlin, e dez dias depois as forças prussianas capitulam em Lübeck. Terminava a campanha da Prússia. No ano seguinte, a 9 de julho de 1807, o Tratado de Tilsit reestabelecia a paz. A Prússia perdera todo seu território a oeste do rio Elba, mais a parte da Polônia que ganhara recentemente. Seu território fora assim reduzido à metade, e seu exército a um quinto, não dispondo mais do que 40.000 homens. Frederico Guilherme III, rei da Prússia desde 1797, aceitou reformas que revigorassem o Estado. À sua frente estavam Karl Stein e Karl von Hardenberg. Proclamava o rei: “Devemos compensar com a força intelectual o que perdemos em poder material”.⁶¹ “A recém fundada Universidade de Berlin proferia o ponto de reunião para todos os que desejassem reconstruir o vacilante edifício do Estado prussiano”.⁶²

Niebuhr, que desde outubro de 1806 fora integrado ao Estado prussiano⁶³ a convite do governo “reformista nacional” conduzido pelo Barão von Stein, o acompanha ainda em sua volta no novo ministério de 1807. É por ele encarregado de transacionar os empréstimos dos capitalistas holandeses ao governo prussiano, já em março de 1808, passando a ocupar, desde julho, o cargo de Ministro Prussiano junto à Corte holandesa.⁶⁴

Em maio desse mesmo ano de 1808, em meio às atribuladas vicissitudes de suas ocupações junto às esferas governamentais⁶⁵, Niebuhr não se esquecia dos antigos desejos juvenis, tristemente preteridos em prol dos encargos públicos a que se vira levado. Em uma de suas cartas, revela:

E, todavia, não fui ainda capaz de realizar minhas aspirações, vendo-me obrigado a substituir as bravas tropas que tomaram por uma miserável turba; ao invés de poesia, arqueologia e história antiga, tive que cultivar finanças, gerência bancária, administração – tudo o que, cá entre nós, são (comparado com meus bravos velhos camaradas) um conjunto

⁶¹ GOOCH, George P. *Historia e Historiadores en el Siglo XIX*. Traducción de Ernestina de Champourgín y Ramón Iglesia, Fondo de Cultura Economica, 1977, p. 24.

⁶² Idem, *Ibidem*.

⁶³ Então nomeado para a Junta de Direção do Banco de Berlim, mais Companhia Comercial de Negócios Marítimos. WINKWORTH, Susanna. In: NIEBUHR. *Life and Letters*. *Op. cit.*, 1852, v. 1, p. 164; 194.

⁶⁴ Idem, *Ibidem*, v. 1, p. 227-8.

⁶⁵ Encontrando-se então em Amsterdam comissionado a transacionar empréstimos junto aos capitalistas holandeses.

de miseráveis companheiros, que por vezes quase me põem louco, especialmente quando qualquer coisa me lembra fortemente de todos aqueles a quem perdi.⁶⁶

Chega, nessa ocasião, a sugerir a Stein que ele bem apreciaria obter alguma “missão na Itália, a fim de compor a História de Roma (uma continuação de Tito Lívio, do ano 588 ao 625) em meio às suas ruínas”. Todavia, recusado o pedido, resignou-se ainda a permanecer sob “o jugo” daqueles negócios.

Assim estive por mais dois anos. Com, primeiro, a queda de von Stein em janeiro de 1809 consequente à descoberta por Napoleão de seus projetos de “libertação germânica”⁶⁷ e, depois, em junho de 1810 a ascensão de Hardenberg ao poder (Primeiro Ministro sob o título de Chanceler de Estado), Niebuhr, dissentindo de seus programas financeiros, solicitou ao Rei sua exoneração. Foi, agora, nomeado historiógrafo real em substituição a Johannes von Müller. Como, desde 25 de janeiro de 1810, era já membro da Academia de Ciências da Prússia, Niebuhr podia ministrar cursos na recém fundada Universidade de Berlim⁶⁸, cuja abertura se daria, a 29 de setembro, quando da Festa de São Miguel.⁶⁹

Em Niebuhr, a sedução pela história de Roma conjugava-se perfeitamente com o espírito de regeneração nacional prussiana alentado pelo projeto régio de renovação educacional. Convicto da primorosa valia ética e patriótica de espírito nacional do ensino da História Romana⁷⁰ que então passa a ministrar, almejava, por suas preleções, “regenerar os jovens, para torná-los capazes de realizar grandes coisas, dispondo diante deles os nobres exemplos da Antiguidade”.⁷¹ Assim, também diria:

A triste época da humilhação prussiana influiu em parte na produção de minha história. Pouco mais podíamos fazer do que esperar fervorosamente por dias melhores e prepararmo-

⁶⁶ Carta ao Conde Adam Moltke, Amsterdan 18 de maio de 1808. NIEBUHR, *Life and Letters*, op. cit., 1852, v. 1, p. 245.

⁶⁷ Idem, *Ibidem*, p. 229.

⁶⁸ MOMIGLIANO, Arnaldo. Niebuhr and the Agrarian Problems of Rome. *History and Theory*, 21.4, 1982, p. 8.

⁶⁹ WINKWORTH, Susanna. In: NIEBUHR, *Life and Letters*. 1852, v. 1, p. 236 e 304.

⁷⁰ Confira-se o comentário de Dilthey sobre Niebuhr: “Egli ha inteso le antiche età di Roma sulla base della fondamentale intuizione di uno spirito collettivo nazionale e operante nel costume, nel diritto, nella tradizione poetica della storia, il quale ha prodotto la struttura sepecifica di tale popolo”; citado por HINRICHS, Carl, op. cit., p. 116.

⁷¹ Citado por GOOCH, op. cit., p. 24.

-nos para eles. Voltei-me para uma grande nação para fortalecer meu espírito e o de meus ouvintes. Sentíamos o mesmo que Tácito.⁷²

Os dois primeiros cursos foram logo transformados em livro: pelos anos de 1811 e 1812 Niebuhr edita sua História de Roma (*Römische Geschichte*), com uma dedicatória ao Rei. O terceiro volume viria à luz alguns anos mais tarde, já então revistos e reeditados em nova versão os dois primeiros. A 8 de dezembro de 1826 quando compõe o novo Prefácio ao I volume, Niebuhr altivamente proclama: “É a obra de minha vida, que deve preservar para mim um nome não indigno do de meu pai”.⁷³

A excelência da escrita da história, assevera Niebuhr, supõe uma conjugação de virtudes. Antes de tudo, preceitos de deveres éticos. Assim, ter “a mente livre de preconceitos”, como Perizonius⁷⁴, consoante princípio inaugural de “liberdade” intelectual que a humanidade alcançara já com a emergência das ciências no século XVII: “espírito de enfrentamento direto dos problemas, liberdade na investigação, autonomia de entendimento, razão e julgamento”.⁷⁵ E ter o “espírito (tomado por) elevada pureza”, que extravasa apenas “os verdadeiros sentimentos humanos” de um coração “sincero” e “honesto”, sem tendenciosidades, como Massillon.⁷⁶ Em sua *Histoire de la Minorité de Louis XIV*, “a melhor obra histórica da literatura francesa”, conjugam-se, ao ver de Niebuhr, todos os primores dessa virtuosidade historiográfica:

A obra toda exibe um espírito de elevada pureza, os verdadeiros sentimentos humanos que dão vida a seus sermões, o arranjo clássico de seu pensamento, e a veracidade de um homem que está de bem consigo mesmo – seu desvencilhamento de todos os vínculos de classe e opinião, tão forte quanto era sua própria fé; seu amor pela liberdade, sua justa apreciação dos deveres deste mundo; por fim, ele transpira em tudo o espírito primorosamente belo do ‘Petit Carême’, espírito que, em seus Discursos, ensinou aquele delineamento da época de Luís XIV que deve ter causado arrepios em seus ouvintes à medida em que o grande homem, apenas conjecturando seus sentimentos, extravasava sua própria alma.

⁷² Idem, *Ibidem*.

⁷³ NIEBUHR, Barthold Georg. *The History of Rome*. Translated by Julius Charles Hare and Connop Thirlwall, Philadelphia: Lea & Blanchard, 1844, v. I, p. viii.

⁷⁴ NIEBUHR, Barthold Georg. *Lectures on the History of Rome*. Edited by Dr. Leonhard Schmitz, London: Charles Taylor, 1898, fifth edition, p. 53.

⁷⁵ *The history of Rome, op. cit.*, 1844, p. vi.

⁷⁶ Carta de 15 de janeiro de 1809. *Life and Letters, op. cit.*, 1852, v. 1, p. 268.

“Livro precioso”, verdadeira “pérola”, cuja dignidade assim primorosa o elevava à honra de ser contemplado por posição de destaque, prestigiosa, ao lado de Tucídides e Salústio.⁷⁷

Ética humanitária bem assegurada por fundamento religioso cristão: “acima de tudo, consciência e candura”, pois, “cientes de que o conhecimento é fruto da piedade”, é “pela sinceridade de nossos corações, pelo conhecimento de nós mesmos e pela trilha seguida à vista de Deus”, que nos guardamos contra descair pelas seduções do falso orgulho e da vaidade a “aparentar o que não somos”, amante de lisonjas que desviam os homens e os fazem “perder a via da verdade”.⁷⁸

Daí, os princípios do método, então subsumidos pelo nome de uma ciência: Filologia.⁷⁹ No centro constitutivo dessa confluência de história e filologia, vindo já dos séculos anteriores (XVII e XVIII), um conceito: espírito crítico. Desde fins do XVII, entretanto, a crítica assumira a figura do *pirronismo*, cujos ataques de ceticismo avançaram também contra os domínios da história. Roma antiga, em especial, fora atingida: “um relato do tratamento dado à história romana nos fornece um retrato da trajetória da filologia em geral”⁸⁰, ruindo então boa parte de seu “passado”, os tempos primordiais, de que se desacreditavam as tradições, meros produtos de fantasias poéticas. Niebuhr⁸¹ localiza o começo desse pirronismo com Bayle (*Dictionnaire historique et critique*, 1697). A urgência de consciência crítica então reclamada tinha por mira acusar os erros que a história consagrava. Princípio, portanto, de intuito já essencialmente negativo, que depois se exacerba especialmente com Louis de Beaufort (*Sur l'incertitude des cinq premiers siècles de l'histoire romaine*, 1738): “a alma do livro”, diz Niebuhr, “é o ceticismo”, afeito estritamente a “denegar e destruir”. Ainda por inícios do século XIX, Pierre-Charles Levesque (*Doutes, conjectures et discussions sur différents points de l'histoire romaine*, 1815), sentenciava o mesmo destino infausto para a história da Roma primordial, por ele agora de bom grado sepultada em razão da irrelevância mesma de sua “barbárie primitiva”.⁸²

⁷⁷ Carta ao Conde Adam Moltke, Amsterdam, de 15 de janeiro de 1809. *Life and Letters*, op. cit., 1852, v. 1, p. 268-269.

⁷⁸ *Lectures of the History of Rome*, op. cit., 1898, p. 56.

⁷⁹ Confrim-se os apontamentos porque Niebuhr assim a destaca respeitantes a: “plêiade filológica que assistia suas preleções, integrando, entre outros, Savigny e Schleiermacher. Carta de Berlin, 9 de novembro de 1810. *Life and Letters*, op. cit., v. 1, p. 317-318.

⁸⁰ NIEBUHR, *Lectures of the History of Rome*, op. cit., p. 52.

⁸¹ *Lectures on the History of Rome*, op. cit., 1898, p. 53-54.

⁸² Confirma-se a passagem citada por Sophie-Anne Leterrier. *Le XIXe siècle historien. Anthologie raisonnée*. Paris: Belin, 1997, p. 22: “Si la critique peut renverser, en grande partie, l’histoire des premiers siècles de Rome, que nous importe? En sacrifiant tout ce qu’elle nous enlève, n’en

O tratamento de uma investigação crítica, enquanto razão fundamentadora do conhecimento histórico, não pode, entretanto, ser confundido, assevera Niebuhr, com mero ceticismo, como o fazia o pirronismo histórico. Este tem em mira “apenas destruir” a história; jamais cuida de, então, a “reconstruir”. Sua perspectiva é insuficiente, pois volta o olhar apenas para acusar o que na história é mentira, quando há que nela, antes, detetá-la não como fim em si, mas tendo por desígnio discernir e firmar a verdade. Consciência crítica firmada pelo pirronismo, pois, deturpada, assim deficiente, cega pela obsessão negativa de uma teleologia destrutiva. “Ceticismo”, na história, sentencia Niebuhr, peca por nihilismo, “não leva a nada”, e assim “ofende” (ou injuria) o espírito humano”.⁸³ A história de Roma antiga há, pois, que ser tratada não “ceticamente, mas criticamente”: tem por objetivo “ganhar resultados” de conhecimento “positivo”⁸⁴, “definido e certo”, das “coisas e relações que realmente existiram”, que assim “tomem o lugar da ficção e do falso”, firmando “o que deve ser acreditado contra o que dever ser rejeitado”.⁸⁵

A obra de (re)composição, ou (re)construção da história antiga, se apresenta, perante a ciência do historiador, concebida por imagens da realidade fragmentadas, ruínas de cidades destruídas ou restos de corpos mortos:

A Antiguidade pode ser comparada com uma enorme cidade em ruínas, da qual não se tem nem mesmo uma planta subsistente; na qual cada um deve encontrar seu caminho por si mesmo, e aprender a compreender o todo pelas partes, e as partes a partir de uma comparação e estudo cuidadoso, mais a devida consideração de sua relação com o todo.⁸⁶

O ofício do historiador se depara com essa singular aporia de indiciar a vida antiga pela realidade presente da morte. Ao apreciar a acuidade de perícia analítica com que ele operava o método filológico-histórico porque enfrentasse tal dificuldade, Niebuhr sentenciava: “Disseco palavras como o anatomista diseca corpos”.⁸⁷ Ciência da história que consiste, pois, para Niebuhr, em elaborar, a

saurons nous pas assez sur un peuple qui ne cultivait point alors les lettres, dont les mœurs étaient dures et grossières ainsi que le langage, qui ne savait encore que se battre, et que, malgré tout l'éclat qu'il répandit par la suite, nous pouvons, relativement à cette époque, appeler barbare?”

⁸³ *Lectures of the History of Rome, op. cit.*, p. 55-56.

⁸⁴ *Lectures of the History of Rome, op. cit.*, p. 53. Assim enfatizado pelos comentários de Ernst Cassirer, *op. cit.*, p. 229.

⁸⁵ *Lectures of the History of Rome, op. cit.*, p. 55-56.

⁸⁶ Carta a um Jovem Filólogo, verão de 1822. *Life and Letters, op. cit.*, 1852, v. 2, p. 244.

⁸⁷ Citado por KRIEGER, Leonard Krieger, *op. cit.*, p. 359, nota 2; e por GOOCH, *op. cit.*, p. 26.

partir da dispersão desconexa dos fragmentos subsistentes, a reconstituição de sua plena factualidade.

O exame, então, a que o historiador busca cuidadosamente submeter os restos do corpo morto da história, almeja resgatar (e, pois, fazer novamente sentir) as formas e imagens de sua realidade viva, alcançada em sua essência distintiva, a assim dissipar as nebulosidades de sua fantasmagoria subsistente na memória histórica. Numa carta, ele firma toda sua convicção em tal alcance de (re)vivenciamento histórico operado pelo método por ele eleito:

Oh! o quão seria estimada a filologia, se as pessoas conhecessem o prazer mágico que há em viver e mover-se em meio às mais belas cenas do passado! A mera leitura compõe sua menor parte; o melhor está em sentir-se familiar a Grécia e Roma durante seus mais amplamente diversos períodos! Quero escrever história com tal vivacidade, a tanto deslocar imagens vagas por bem definidas, a tanto desenredar representações confusas.⁸⁸

Há, então, que plenificar de vida as imagens do passado histórico, ao que recomenda Niebuhr em carta endereçada ao Conde Adam Moltke:

A música me é, em geral, bem desagradável, uma vez que eu não consigo concentrá-la em um ponto, e tudo que é fragmentário oprime minha mente. Por isso, também, não sou um matemático, mas um historiador; pois, a partir dos aspectos singulares subsistentes, consigo compor um quadro completo e saber onde faltam grupos e como suplementá-los. Acredito que seja este também o vosso caso, e bem gostaria que pudesses, como eu, aplicar vossas reflexões sobre os acontecimentos passados, fixar as imagens na tela, e então empregar vossa *imaginação*, trabalhando apenas com os verdadeiros matizes históricos, a dar-lhes coloração. Tomai a história como vosso assunto: trata-se de objeto inesgotável, e ninguém tem ideia o quanto, aquilo que parece perdido, pode ser restaurado com a mais clara evidência.⁸⁹

Conjugação de virtudes de talento historiográfico *intelectivo* são, pois, solicitadas para a (re)criação das “imagens de épocas passadas”, então inteligentemente apreendidas⁹⁰ graças à ativação concatenada de uma visão intuitiva, imaginativa porque se as reconstitui a partir de sua disposição subsistente apenas fragmentada e lacunar. Obra de “descoberta” de natureza *heroica*, distinguindo inteligência que resolve “os enigmas” dispostos pela história.⁹¹ E obra de afinidade

⁸⁸ Carta ao Conde Adam Moltke, 15 de agosto de 1812. *The Life and Letters of Barthold George Niebuhr*, op. cit., v. 1, 1852, p. 350-351.

⁸⁹ Carta ao Conde Adam Moltke, Copenhague, 21 de novembro 1804. NIEBUHR. *Die Briefe*, op. cit., v. 1, p. 314-319.

⁹⁰ Carta de Roma, véspera de Natal de 1816. *Life and Letters*, op.cit., v. 2, p. 70-71.

⁹¹ Confirmam-se: Carta de Berlin, 9 de novembro de 1810. *Life and Letters*, op.cit., v. 1, p. 318; Carta

demiúrgica, que dissipa as trevas do caos dos dados dispersos, desordenados e emaranhados, graças à inteligibilidade de uma visão luminosa, imaginativa, de sua totalidade plenificada de vida.⁹² O historiador, como Niebuhr representa e concebe suas virtudes, é assimilado à figura do herói, ou privilegiado por poderes que “dependem de um talismã externo como a força de Sansão”⁹³, ou dotado de dons proféticos como os de Cassandra⁹⁴, a vislumbrar as revelações dos mistérios passados ou futuros, como se “tivesse sido inspirado pelos espíritos dos Antigos em recompensa por seus leais esforços em nome da memória deles”.⁹⁵ Em síntese, pois, o método crítico filológico bem se diz, por Niebuhr, como *divinatio*.⁹⁶ Correspondentemente, pela conjugação de tais nexos conceituais (*ingenium* e gênio; inventividade, criatividade e originalidade; imaginação, inspiração e *divinatio*; intuição e *insight*)⁹⁷, a figuração da excelência de talento historiográfico gravita igualmente em torno da ideia moderna de *gênio*.

Pelo feito da obra historiográfica enquanto produto do ingente trabalho de (re)criação filológica, o historiador, ao que então dizia Niebuhr, “quase fica imortal”, não fosse o fardo de sua humanidade constitutiva por todas as limitações e correspondentes trabalhos e penares hercúleos⁹⁸ que a estigmatizam: “ai de mim!, quantos impedimentos em meio do caminho!”⁹⁹ Nem bem o historiador vislumbra o esplendor divino que sua obra alcança, em imediata contrapartida

de Berlin, 19 de março de 1810. *Life and Letters, op. cit.*, v. 1, p. 320; Berlin, 28 de janeiro de 1812.

Life and Letters, op. cit., v. 1, p. 334-335; Roma, 7 dezembro 1816. *Life and Letters, op. cit.*, v. 2, p. 69; Carta a Madame Hensler, Roma, 1 setembro 1818. *Life and Letters, op. cit.*, v. 2, p. 157.

⁹² Confirmam-se: Carta de 1 de julho de 1808. *Life and Letters, op. cit.*, v. 1, p. 248-249; carta de Berlin, 18 de maio de 1811. *Life and Letters, op. cit.*, v. 1, p. 324-325; Carta de Bonn, 20 outubro 1825. *Life and Letters, op. cit.*, v. 2, p. 352-353; Carta a Perthes de Bonn, 21 junho 1826. *Life and Letters, op. cit.*, v. 2, p. 359.

⁹³ Carta de Amsterdam, 12 de dezembro de 1808. *Life and Letters, op. cit.*, v. 1, p. 262-263.

⁹⁴ Carta a Savigny, Roma, 16 fevereiro 1817. *Life and Letters, op. cit.*, v. 2, p. 88; Carta ao Conde de Serre, Roma, 9 fevereiro 1823. *Life and Letters, op. cit.*, v. 2, p. 257; e Roma, 18 março 1823. *Life and Letters, op. cit.*, v. 2, p. 266.

⁹⁵ Carta de Bonn, 20 dezembro 1829. *Life and Letters, op. cit.*, v. 2, p. 395-396.

⁹⁶ O procedimento seria objeto de críticas já por seus contemporâneos que acusavam a exploração abusiva que dele fazia uso Niebuhr (GOOCH, *op. cit.*, p. 26-27). A presença da *divinatio* nas formulações conceituais de Ranke é apontada por Fulvio Tessitore (*op. cit.*, 1984, p. 49).

⁹⁷ Confirmam as indicações dadas por WITTKOWER, Rudolf. *Genius. Individualism in Arts and Artists. Dictionary of the History of Ideas*. Edited by Philip. P. Wiener, New York: Charles Scribner' Sons, v. 2, 1968, p. 305-308.

⁹⁸ O que reclama e exige do historiador, entende Niebuhr, todo um nexos ético de disposições de espírito heroico (zelo, dedicação, empenho, perseverança, etc.), a que Niebuhr constantemente faz referência e ressalta em seus textos: carta de Berlin 9 novembro 1810. *Life and Letters, op. cit.*, v. 1, p. 317.

⁹⁹ Carta de 1 de julho de 1808. *Life and Letters, op. cit.*, v. 1, p. 249.

assoma a consciência da inexorável condição humana que circunscreve seu penoso percurso face aos imensos esforços que tal tarefa requer. A experiência do divino, quando se é humano, tem a (in)consistência fugaz do instante.

Um poderoso recurso metodológico, especialmente associado a amplo domínio de conhecimentos históricos¹⁰⁰, favorece, e mormente operacionaliza, essa reconstituição das imagens do passado histórico, de início apenas disponibilizadas em configurações fragmentadas e lacunares: as analogias que outras histórias conhecidas propiciam. Caso exemplar, magistralmente examinado por Arnaldo Momigliano: *ager publicus* e correlatas questões fundiárias da antiga história romana, especialmente as leis agrárias do período republicano, se esclarecem, e consoantemente resolvem, por Niebuhr, uma vez estabelecido seu paralelismo histórico com as situações congêneres do arcaico regime indiano, particularmente pela figura histórica do *zamindar*¹⁰¹, ainda vigentes por fins do século XVIII.¹⁰² Passara-se em Roma o que ocorria na Índia: o que foram, na origem, apenas direitos ancestrais de posse (ocupação e uso)¹⁰³ das terras comunais, acabaram ilegalmente cristalizados, com o passar do tempo e a sucessão das gerações, em práticas de exploração transgressora, que configuravam situações de propriedade privada abusiva (permanente e hereditária).

Aquelas leis da República romana não tinham, portanto, se insurgido e atentado contra a propriedade privada porque se acusasse historicamente sua ilegitimidade, como equivocada e deturpadamente o haviam explorado os revolucionários recentes, mas sim contra as mazelas de seus excessos desnaturadores por ambições de acumulação expropriadora. Os espectros “romanos”, despertados pelos projetos franceses de 1792-3 que reclamavam leis agrárias traduzidas por confisco e redistribuição das propriedades¹⁰⁴, eram assim exorcizados pela crítica histórico-filológica niebuhriana. Diálogo histórico do presente moderno com o

¹⁰⁰ Confirmam-se os apontamentos dados por Gooch (*op. cit.*, p. 23) nesse sentido, particularmente destacando seu conhecimento da história e desenvolvimento constitucional britânico.

¹⁰¹ *Zamindar*, que coletava as taxas hereditárias pagas pelos camponeses como concessão de direitos de cultivo dos lotes de terras das aldeias, originariamente detendo essa atribuição apenas na qualidade de representante do soberano nativo, mas que acabara, na prática, com o passar do tempo, a abusivamente explorar o sistema como se fosse o proprietário.

¹⁰² MOMIGLIANO, *op. cit.*, 1982, p. 3-15.

¹⁰³ Niebuhr vale-se da distinção conceitual formulada por Savigny entre *possessio* e *propriedade*. MOMIGLIANO, *op. cit.*, 1982, p. 13.

¹⁰⁴ “Loi agraire, égalité réelle” constituía um dos *mottos* proclamado nos projetos de Babeuf em 1792, que Robespierre, entretanto, rejeitaria em termos bem ácidos, vilipendiando-o como “uma fantasmagoria criada por patifes para aterrorizar imbecis”. A “Declaração de 1793” reconheceu assim plenamente o direito de propriedade privada. MOMIGLIANO, *op. cit.*, 1982, p. 9.

Francisco MURARI PIRES. Ranke e Niebuhr: a apoteose tucídideana.

passado arcaico, de história indiana e romana, que assim operava em consonância com a atualidade da orientação política de Niebuhr em prol da liberação dos servos na Dinamarca e na Prússia, entretanto acautelada contra sua contaminação por aquelas distorções revolucionárias.¹⁰⁵ Niebuhr invertia, pois, o sentido da lição histórica alegadamente embutida no prestigioso precedente romano, revirando sua imagem de uma face radical revolucionária francesa para uma moderada conservadora britânica¹⁰⁶: a Roma antiga, republicana, fundamentava antes uma ordenação embasada em uma sociedade de camponeses livres, detentores de propriedades modestas de moderada prosperidade, por cujas consoantes virtudes “romanas” de simplicidade e honestidade se ancorassem socialmente a disposição patriótica de segurança e defesa nacional contra as agressões estrangeiras, justamente alertadas pela falência da velha ordem militar aristocrática prussiana quando das recentes invasões napoleônicas.¹⁰⁷

História Antiga (Roma), nascente em tempos de historicidade burguesa liberal, exorciza os espectros da Revolução em França de 1789/1793.¹⁰⁸

Similar presença fantasmagórica na História Antiga (Grécia) de Niebuhr: a Atenas de Péricles e a democracia.

A admiração de Niebuhr pela Atenas pericleana não se confunde com qualquer apego maior pelo regime democrático, a que também se a associa. Justo pelo contrário, a excelência histórica do estado ateniense resulta, para Niebuhr bem como já originariamente para Tucídides, precisamente do fato de que fosse apenas aparente e nominalmente uma “democracia”, a assim formalmente dissimular o domínio governamental de seu melhor cidadão. Tal era justa a conformação política em que se harmonizava a imperiosa autoridade de uma liderança virtuosa com a correspondente nobreza obediente e respeitadora do povo de Atenas. “Cordialidade e natureza benigna constituíam suas características peculiares”.¹⁰⁹ A “nobreza de seu caráter” se revela particularmente no regozijo com que aprecia e acata a genialidade da liderança, prontamente agilizando a realização de sua

¹⁰⁵ Idem, *Ibidem*, p. 10.

¹⁰⁶ Idem, *Ibidem*, p. 13.

¹⁰⁷ Idem, *Ibidem*, p. 10.

¹⁰⁸ A “repugnância” de Niebuhr pela Revolução Francesa é destacada por Gooch (*op. cit.*, p. 23), que também aponta como os desdobramentos do processo revolucionário com a ascensão de Bonaparte conforma os juízos de valor com que Niebuhr elabora sua percepção do colapso da Grécia Antiga diante da conquista macedônia. Idem, *Ibidem*, p. 29.

¹⁰⁹ *Lectures of Ancient History, op. cit.*, v. 2, 1852, p. 77.

orientação política, ao invés de antepor estorvos em seu caminho.¹¹⁰ Pois, pondera Niebuhr, “sempre que um homem assim [superior] aparece, o povo deve se acomodar e não opor-se a ele”.¹¹¹

Enquanto Atenas dispôs de um manancial de líderes genuinamente aristocráticos a cidade progrediu, alcançando o apogeu com Péricles, precisamente porque sua liderança realizava exemplarmente aquela conjugação de inteligência do cérebro de direção política da cidade com o acatamento acolhedor pelo corpo da cidadania. Aos olhos de Niebuhr, a face negativa da atuação pericleana à frente do Estado ateniense concerne aos desdobramentos degenerativos ocasionados pelos vezos demagógicos de sua política institucional, ao assim ensejar a deterioração da, apenas aparente, “democracia” de sua própria época na “anarquia” que a seguiu. Desvanecimento do Areópago mais desaparecimento dos quadros aristocráticos de composição da liderança; a democracia ateniense deparou-se com dilema terrível, “o maior infortúnio” que um estado enfrenta, entende Niebuhr, ao ver-se diante de duas alternativas de rumos, ambas ruins: ou o princípio de distinção social de privilégio político se degrada, com a riqueza preenchendo o vazio deixado pela extinção do mérito, o que constitui “a mais vulgar e miserável de todas as distinções”; ou, pelo contrário, extingue-se o próprio princípio político da distinção social, de modo que “a massa toda do povo governa soberana”. Ora, conclui Niebuhr, quando isto ocorre e tem-se uma “democracia” descontrolada, pois carente dos freios da liderança aristocrática, “nada pode ser mais miserável, como bem o exemplifica “o caso da Suíça”. Daí o grande infortúnio que então rondava a Grécia: “todas as constituições gregas à época da guerra do Peloponeso estavam maduras para as revoluções”.¹¹²

Os espectros da revolução, que assombraram Niebuhr do início ao fim de sua trajetória intelectual¹¹³, (re)apareciam em suas leituras sob feições antigas. Para Niebuhr, nada certamente poderia ser pior ou mais desastroso, a ele que o espectro da revolução contemporânea desencadeada em França aterrorizava. Fundação da História Antiga se dá por exorcismos da Revolução.

¹¹⁰ Idem, *Ibidem*, p. 94.

¹¹¹ Idem, *Ibidem*, p. 115.

¹¹² Idem, *Ibidem*, p. 48-50.

¹¹³ Desde os primeiros escritos em 1804, quando se referia à Revolução Francesa como “uma gangue de criminosos”, até o fim da vida, por ocasião da de Julho de 1830 em episódio emblemático; comportando, algo “romanticamente”, desfechos de *pathos* um tanto “trágico”: foi na esteira das aflições com a nova Revolução em França, sempre ávido por buscar nos jornais as notícias de seus avanços e “imaginação exaltada receosa de deparar a repetição do terrível acontecimento, angustiado com a segurança de sua própria família” (GOOCH, *op. cit.*, p. 30), que Niebuhr apanhou, de retorno da biblioteca para casa na noite de Natal fria e úmida daquele ano, “o resfriado” que o levou, desde aquela noite, ao leito que só deixaria já morto, a 1 de janeiro do ano seguinte.

Em Niebuhr o princípio fundante da assim dita ciência da história bem se encontra delineado: capacidade cognitiva de reconstituição do passado!

Passando em revista as bases documentais respeitantes aos tempos mais antigos da Grécia (dos primórdios ao início das Olimpíadas), Niebuhr examina, entre outras fontes, Tucídides, que também consagrara em sua obra uma história daquele passado remoto.

Para Niebuhr, o primor positivo do espírito crítico tucídideano pode ser apreciado já pelos fundamentos com que ele circunscreve a realidade histórica da época mais antiga do mundo grego, dispondo o arcabouço cronológico do passado que remonta até o início das Olimpíadas, de que são precisadas as datas dos acontecimentos e dimensionados seus relacionamentos cronológicos.¹¹⁴ Afirmando a precisão da cronologia tucídideana, exemplificada quer na ‘Arqueologia’ (a data de invenção da trirreme) quer na exposição siciliana do livro VI (as datas de fundação das colônias), Niebuhr conjectura, por esse indiciamento, a existência de uma fonte histórica de que Tucídides (supostamente) teria derivado seus dados cronológicos: “tábuas analísticas”.¹¹⁵ Consistência positiva de arquitetura cronológica tão firme e segura que deve, certamente, responder por metodologia crítica, a qual, ajuizando a “autenticidade” de (tais supostas) bases documentais, enquadra a realidade histórica dos acontecimentos em devida ordenação sequencial.¹¹⁶

Apreciando, por conjecturas que desdobram-se em encadeamento de outras tantas suposições a imaginar os princípios com que Tucídides operasse eficiente metodologia de crítica factual, a circunscrever os fundamentos positivos com que restabelesse a realidade histórica daqueles tempos da Grécia arcaica, a leitura niebuhriana consagra em Tucídides todo um nexo de virtudes historiográficas:

- diligência de acuidade crítica, “prudente e escrupulosa”, no ajuizamento da “autenticidade” de suas bases documentais;
- aprimorada percepção de realidade histórica, que certamente pode acolher dados cronológicos equivocados dos informes de que depende, mas que jamais erra por inconsciência crítica que não distinguisse dados fantasiosos¹¹⁷;

¹¹⁴ *Lectures of Ancient History, op. cit.*, v. 1, p. 211.

¹¹⁵ *Idem, Ibidem*, p. 212.

¹¹⁶ *Idem, Ibidem*, p. 212.

¹¹⁷ *Idem, Ibidem*, p. 212.

- gravidade virtuosa de aferição de realidade histórica que pode igualmente ser estimada pelo equilíbrio de escrúpulos narrativos com que ele resguarda os limites possíveis do conhecimento histórico para os tempos primitivos da Grécia, de que pouco se dispunha de informes seguros, de modo a assim não comprometer sua distintiva capacidade de ajuizamento historiográfico: para o que antecede a Guerra de Tróia, não camufla as incertezas; para a Guerra de Tróia, bem discerne a melhor fonte, “seguindo apenas Homero”, tanto mais que acautela a linguagem de sua narrativa por condizente resguardo de consciência crítica, remetendo o que diz a um “*pháinetai*”, sem “comprometer sua distintiva convicção pessoal”; por não dispor de elementos para um juízo mais decisivo quanto à realidade desse famigerado acontecimento, compreensivelmente o enquadrou pelos ditames da (in)consciência histórica de sua época, fosse ou por comungar ou, justo pelo contrário, por discordar, do entendimento então vigente quanto à sua problemática facticidade¹¹⁸.

Também pela arte apurada de sua escrita, aliada à certeza positiva do conhecimento factual, Tucídides merece a palma da historiografia, razão porque Niebuhr o proclama “o maior historiador que jamais existiu”: o estilo de sua narrativa torna a história plena de vida.¹¹⁹ Graças à experiência decorrente de participação ativa na vida pública porque dominava os acontecimentos relatados em sua história, os descreve tão primorosamente, por discurso em que todas as palavras são justamente sopesadas, que nos disponibiliza a visibilidade mesma de quem os presenciase.¹²⁰ Teores do relato discursivo e realidade dos acontecimentos assim se espelham correspondentemente em sua obra pela virtuosidade da narrativa.

Perversa é, então, a tradição que nos legaram os antigos que, acusando as deficiências artísticas do livro VIII, apontavam a pretensa inferioridade de sua composição, apenas a justificando ou porque texto inacabado, ainda carente de aprimoramento, ou talvez mesmo porque produto de outro autor (Teopompo). Pelo contrário, também pelo teor com que conformou essa parte final da obra, Tucídides fora primoroso em arte narrativa, pois apresentou os acontecimentos justo consoante a atmosfera e imagem de sua realidade mesma: tanto manteve o estilo solene e sublime da narrativa para acompanhar a ascensão de Atenas quanto, correspondentemente, o abandonou por narrativa dura para que retratasse a brutal perda de sua grandeza

¹¹⁸ Idem, *Ibidem*, p. 212.

¹¹⁹ Idem, *Ibidem*, v. 2, p. 54.

¹²⁰ Idem, *Ibidem*, p. 54.

naquele tempo em que a cidade conhecera miséria e infortúnio.¹²¹ Bem se compreende então, pelo contrário, a propriedade da ausência de discursos nesse livro: reflete justamente o fato do esvaziamento da deliberação popular enquanto processo de decisão política, nesse tempo em que “a férrea necessidade do destino decretara” a perda do arbítrio da cidadania sobre direcionamento dos acontecimentos.¹²²

Os termos e parâmetros da consciência crítica de inícios do século XIX acerca da (ir)realidade histórica da Grécia primeva assim perpassam e transitam de Niebuhr para Tucídides, a (con)figurar a especular metodologia de que comunga(ria)m suas obras historiográficas.

3. Apoteose Tucídideana

Por Niebuhr mais Ranke, Wilhelm Roscher e Eduard Meyer, compondo o quarteto de historiadores do século XIX que Santo Mazarino qualificou de “os Alemães Tucídideanos”¹²³, a fama de Tucídides, então “idealizado como historiador perfeito”¹²⁴, é consagrada por uma espécie de apoteose historiográfica, estimando-se sua história como obra extraordinária, singularmente excelsa, inigualável.

Por declarações esparsas ao longo de sua volumosa obra mais apontamentos biográficos registrados em seu diário, dispomos de ditos significativos que enfatizam toda a admiração e entusiasmo porque Ranke, desde os anos juvenis até o final de sua vida, reiteradamente exaltou a figura do historiador ateniense. Modelo especialmente virtuoso por compêndio de saber político conformado como história, porque, ao lado de Tácito, Tucídides figura como “mestre da historiografia política” por formulação “exemplar inigualável”.¹²⁵ Realização narrativa impecável de fundamentação crítica de factualidade¹²⁶, por permanente

¹²¹ Idem, *Ibidem*, v. 2 p. 54-55.

¹²² Idem, *Ibidem*, p. 55.

¹²³ MAZZARINO, *op. cit.*, p. 359-370; MONTEPAONE e outros. *Tucidide nella historiografia moderna*. 1994.

¹²⁴ MOMIGLIANO, Arnaldo. *Problèmes d'historiographie ancienne et moderne*. Traduit par A. Tachet, Paris, 1983, p. 27.

¹²⁵ RANKE. *Tagebücher*, *op. cit.*, 1964, p. 242; e Introdução ao curso de *História Moderna* no semestre de inverno de 1867-68. *Aus Werk und Nachlass. Vorlesungseinleitung*, vol. IV, p. 412; *Lutero e l'idea di storia universale*, *op. cit.*, p. 250. Confirma-se ainda o comentário externado sobre Tácito: “um dos maiores historiadores que já existiram”, entretanto não tendo alcançado em sua história de Roma “o universal”, antes apreendido propriamente pelos historiadores gregos como Apiano e Plutarco. *Epoche della storia moderna*, *op. cit.*, p. 120.

¹²⁶ Introdução ao curso de História Moderna sobre a ideia de História Universal no verão de 1847. *Aus Werk und Nachlass. Vorlesungseinleitungen*, vol. IV, p.187; confira-se a tradução italiana: RANKE, *op. cit.*, 1986, p. 218.

atenção que jamais se perde extraviada pelos desafios das fábulas que perpassam informes.¹²⁷ Excelência de padrão de objetividade historiográfica sublime, insuperável, situando ideal de imparcialidade narrativa luminar, porque todos historiadores o almejassem sem jamais igualar¹²⁸. Ranke considerava-o não apenas como a origem mesma da escrita da história, mas também como seu modelo insuperável: “ninguém pode ter a pretensão de ser maior historiador do que o foi Tucídides”.¹²⁹

Em termos similares aos de Ranke, já Niebuhr se pronunciara. Em Tucídides, dons de “espírito magnânimo e nobre” propiciam narrativa historiográfica em que refulge “o brilho fulgurante da imparcialidade”.¹³⁰ Primor de justiça e correção no tratamento narrativo dos acontecimentos inabalável, que nem mesmo é afetado por extravios deformadores conexos aos dissabores e injustiças que o vitimaram pessoalmente.¹³¹ Pelo que, “se há alguma autoridade confiável em toda a história, esse homem é Tucídides, cujas palavras podem ser incondicionalmente aceitas, ele que nada diz de que não esteja perfeitamente convencido e que é incapaz de pronunciar uma inverdade a respeito de um amigo ou de um inimigo”.¹³²

Com Tucídides, diz ainda Niebuhr, tem-se primor de arte narrativa de fascinante sedução, que “gentilmente prende os leitores”, assim equiparável apenas a Tito Lívio. Entretanto, num e noutra diferenças estilísticas mesmo opostas. “Abundância e eloquência indescritível” no romano, conjugadas por “celestes serenidade do intelecto, nisto igual a Homero”. Já “perfeita concisão e vigor” no ateniense, porque Tucídides se recomenda exemplarmente também pelo estilo, justo apropriado aos modernos face ao ritmo acelerado com que então pulsa o mundo.¹³³

Por tais declarações de júbilo entusiasmado quer de Niebuhr quer de Ranke, revive e renova-se por inícios do século XIX a glorificação fulgurante de Tucídides. Então os modernos, tendo por missão fundar a ciência da história, o elegeram por modelo supremo, projetando de sua figura uma espécie de *apoteose*. Para

¹²⁷ *Aus Werk und Nachlass. Vorlesungseinleitungen*, vol. IV, p. 189-190.

¹²⁸ Preleção introdutória ao curso de História Moderna ministrado no verão de 1845, em que refletia sobre o imperativo da objetividade historiográfica. *Aus Werk und Nachlass. Vorlesungseinleitungen*, vol. IV, p. 162. Confirma-se igualmente o comentário na Introdução ao Curso de História Moderna de 27 abril 1847. *Aus Werk und Nachlass, Vorlesungseinleitungen*, vol. IV, p. 190.

¹²⁹ Pela tradução inglesa de R. Wienes (*op. cit.*, p. 163-164); confira-se igualmente a tradução espanhola de Dalmacio Negro Pavón, *Sobre las Epocas de la Historia Moderna*, 1984, p. 80 e 82; e a italiana de Gabriella Valera, *Le Epoche della Storia Moderna*, 1984, p. 109 e 111.

¹³⁰ *Lectures on Ancient History*, *op. cit.*, v. 2, p. 420.

¹³¹ *Lectures on Ancient History*, *op. cit.*, v. 2, p. 106.

¹³² *Lectures on Ancient History*, *op. cit.*, v. 2, p. 103-104.

¹³³ *Life and Letters*, *op. cit.*, v. 1, p. 186.

Ranke, Tucídides, assim como Homero para a epopeia e Platão para a filosofia, bem pode ser considerado *o gênio da história*, a qual, graças a ele, alcançou a *perfeição*.¹³⁴ Niebuhr também assim o ajuiza. Do historiador, diz: “O primeiro real e verdadeiro historiador, no nosso entender, foi Tucídides: ele é o mais perfeito historiador dentre os que já escreveram (...) o primeiro, o Homero dos historiadores”.¹³⁵ Para o objeto de sua história, reverberando-lhe o louvor, proclama: “A Guerra do Peloponeso (...) é a mais imortal de todas as obras, dado que foi descrita pelo maior historiador que jamais existiu”.¹³⁶ Com e por Tucídides, “a história surge de uma só vez em sua mais alta perfeição”.¹³⁷

*O imortal*¹³⁸, *o divino Tucídides*, declarava Niebuhr. *Objeto de veneração cultural*, confessava Ranke: “um espírito portentoso, grandioso, diante de quem me ajoelho”.¹³⁹

Eduard Meyer similarmente o sentencia:

(...) continua existindo, hoje como outrora, um único modo de escrever a história e de tratar os problemas históricos: aquele mesmo que o ateniense Tucídides pôs em prática pela primeira vez e promoveu o exemplo, com uma perfeição que nenhum de seus sucessores, até hoje, conseguiu sobrepujar.¹⁴⁰

Apreciação reiterada em outro ensaio, poucos anos depois: “Quis apenas mostrar como Tucídides criou e realizou numa obra a ciência da história, e como esta obra (...) teve na literatura histórica até hoje apenas rivais do seu calibre, mas nenhum que o superasse”.¹⁴¹

Dentre os modernos, dizia Ranke em sua autobiografia (1885), só Niebuhr se equiparava a Tucídides, assim tido por padrão de excelência historiográfica.¹⁴²

¹³⁴ *Aus Werk und Nachlass, Vorlesungseinleitungen*, vol. IV, p. 256-257. Tradução italiana em *Lutero e l'idea di storia universale*, *op. cit.*, p. 232.

¹³⁵ *Lectures on Ancient History*, *op. cit.*, v. 1, p. 211.

¹³⁶ *Lectures on Ancient History*, *op. cit.*, v. 2, p. 54. Confirmam-se ainda os ajuizamentos externados acerca dos discursos integrados por Tucídides em sua obra, *Life and Letters*, *op. cit.*, v. 2, p. 352.

¹³⁷ *Lectures on Ancient History*, *op. cit.*, v. 2, p. 391. Confirma-se ainda: *Lectures on Ancient History*, *op. cit.*, v. 1, p. 54.

¹³⁸ *Lectures on Ancient History*, *op. cit.*, v. 2, p. 105.

¹³⁹ Apontamento ditado em outubro de 1863 e em novembro de 1885 (SW 53/54: 26-31, 58-59: WINES, *op. cit.*, p. 4), citado também por Walter Peter Fuchs, (RANKE, Leopold von. *Aus Werk und Nachlass III. Frühe Schriften*, herausgegeben von Walther Peter Fuchs, München-Wien: R. Oldenbourg Verlag, 1973, p. 329).

¹⁴⁰ *El historiador y la Historia antigua*, *op. cit.*, 52-53.

¹⁴¹ Tucídide e l'origine della Storiografia Scientifica. Tradução italiana de Claudia Montepaone e Marcello Catarzi. In: *Tucidide nella storiografia moderna*, *op. cit.*, 1994, p. 446.

¹⁴² Referido por Maria Luisa Silvestre. In: *Tucidide nella storiografia moderna*, *op. cit.*, p. 350.

Com Ranke concordava Meyer, igualmente apreciando o mérito de Niebuhr, por quem a história retomava o primor da metodologia crítica tucidiana.¹⁴³ Na esteira de Niebuhr, acrescenta Meyer, viera Ranke, cuja *História dos Papas* aproximara a historiografia novamente dos píncaros tucidianos.¹⁴⁴

4. Entre heroico e gênio

Desde o princípio com Heródoto, porque o *lógos* se sobreponha ao *mito* como fundamento discursivo de civilização, o dilema da historiografia se configura: relatos *verídicos* contra *mentirosos*, isentos contra parciais; como firmar a dignidade distintiva da história porque se memorizem as realidades dos feitos, das obras e dos modos com que nela agem os homens? Porque as histórias se contam tendo em vista um público a que elas se dirigem, como deve o historiador conformar modos narrativos que assegurem *convicção de veracidade* para as coisas que ele relata como fatos reais? Que *virtudes* excepcionais lhe são exigidas por recomendação de preceitos e deveres que consagrem a *autoridade* de sua narração?

Mas a apreensão da verdade do fato unívoco, adverte Tucídides, é obra *penosa*. Reclama ingente empenho de inteligência para resolver a *aporia* intrínseca de sua consecução, pois, para tanto, o historiador se defronta com a dialética inconciliável dos relatos conflitantes apresentados pelos que presenciaram os acontecimentos e, consoantemente, os informaram. Supõe sujeito humano dotado de espírito superior, distinguido por excelência de plena maturidade experiente que a razão capacita, de modo a poder discernir toda a verdade que desaparece confundida por essa dialética informativa. Via de trajeto difícil, percurso *penoso* de *ingentes trabalhos*, restrito a um único caminho que conduz justo à descoberta da verdade do fato. Via de conhecimento histórico própria a um destino pessoal *heroico* por *areté* de intelecto excepcional, privilégio de um indivíduo cujo nome chancela a obra por seu primeiro termo declarativo: Tucídides de Atenas.¹⁴⁵

¹⁴³ Referido por Maria Luisa Silvestre. In: *Tucidide nella storiografia moderna*, *op. cit.*, p. 346. Confirmam-se: Tucídide e l'origine della Storiografia Scientifica. Tradução italiana de Claudia Montepaone e Marcello Catarzi. In: *Tucidide nella storiografia moderna*, *op. cit.*, 1994, p. 435.

¹⁴⁴ I Discorsi di Tucídide [*Forschungen zur alten Geschichte*]. Tradução italiana de Maria Luisa Silvestre. In: *Tucidide nella storiografia moderna*, *op. cit.*, 1994, p. 398.

¹⁴⁵ Confirmam-se os argumentos por nós firmados em: MURARI PIRES, Francisco. A Retórica do Método (Tucídides, I.22 e II.35). *Revista de História*, 138, 1998, p. 12-15; MURARI PIRES, Francisco. *Mithistória*, *op. cit.*, p. 286-291; MURARI PIRES, Francisco. O Porto de Pilos e a Baía de Navarino, Tucídides e o Coronel Leake: *Akribéia* antiga mais *Crítica* moderna e as Temporalidades da História Tucidiana. *Phaos*, 3, 2003, p. 107-112; MURARI PIRES, Francisco. Tucídides e o (re)acerto do fato da tirania de Hípias: alcance e limites dos indiciamentos

Similarmente o dá a entender Luciano listando o acúmulo de virtudes reclamadas por que se almeje escrever *história excelente*.¹⁴⁶ Ser *historiador* requer tanto pessoa provida de complexo de virtudes excepcional por domínio absoluto de paixões, (res)sentimentos e (des)afetos, quanto indivíduo cuja situação no mundo pode mais propriamente ser dita inexistencial, pois intriga pertinência a um lugar, dito *a-polis*, que antes o desvincula do mundo humano¹⁴⁷, situa-o fora porque acima dele, sobrepassando as histórias de seus acontecimentos, como o olhar de Zeus. Ideal que, pois, configura *persona* de qualificação *divina*, na medida em que se concebe sua ideia por atributos definidos por negação de modos e aspectos inerentemente humanos.

No horizonte de historicidade do pensamento antigo, a categoria do *heroico* responde por essa (*con*)fusão de humano com divino porque ganha inteligibilidade a projeção de tal *persona* de historiador ideal. Nesse sentido, a distinção de dignidade historiográfica figurada por Tucídides aproxima-o propriamente da excelência de arte discursiva que tem por nome conceitual em Homero: Nestor. Especialmente na cena da querela entre Agamêmnon e Aquiles, a figura do venerando conselheiro atua particularmente em função judicante, pois discerne a decisão que acerta a dialética das (des)razões de duas partes em conflito. Similarmente a como também o poeta memoriza na cena do escudo de Aquiles, *conselheiro* vale por *histor*.¹⁴⁸

Na intriga dessas heranças entre *epopeia* e *história*, o *historiador* então figuraria, correspondentemente a *Nestor*, apreciado como *conselheiro* cuja narrativa dos *fatos* acontecidos, assim acertados univocamente a superar a dialética

investigativos da verdade. *Phaos*, 6, 2006, p. 70-72; MURARI PIRES, Francisco. Tucídides: a Retórica do Método, a Figura de Autoridade e os Desvios da Memória. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória e (Res)Sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: Editora Unicamp, 2009, p. 98-101; MURARI PIRES, Francisco. Antigos e Modernos, o Fardo e o Fio. *Revista de História*, número especial “Antigos, Modernos, Selvagens”, 2010, p. 9-18; MURARI PIRES, Francisco. Machiavel et Thucydide: le(s) regard(s) de l’histoire et les figurations de l’historien. *Cahiers de Études Anciennes*, 47, 2010, Tome 2, p. 274-276.

¹⁴⁶ Luciano, *Como escrever história* 41 (François Hartog, *A História de Homero a Agostinho*. Belo Horizonte, 2001, p. 224-231). Considerem-se ainda mais estas duas passagens: “Sobretudo, que seu pensamento se torne semelhante a um espelho impoluto, brilhante, preciso quanto a seu centro - e, qualquer que seja a forma dos fatos que recebe, assim os mostre, sem nenhuma distorção, diferença de cor ou alteração de aspecto”; “(...) de modo que se diga de ti: Aquele era seguramente um homem livre e totalmente franco, nada bajulador, nada de servil, mas verdadeiro em tudo”. Luciano, *Como escrever história* 50 e 61.

¹⁴⁷ “ou animal (escravo) ou deus”, disse Aristóteles. *Política*, I.1253a.

¹⁴⁸ Confirmam-se nossos comentários nos artigos referidos à nota 145 em que procuramos aproximar as figurações (ditas) “metodológicas” da escrita da história tucídideana justamente das correspondentes figurações de atuação judicante do *histor* arcaico.

conflitante dos relatos parciais e comprometidos que os relataram, responde pelo discurso sapiencial que reitera os preceitos da ordem política por singulares modos nestorianos de saber *historiante*, assim *heroicizante*.¹⁴⁹

Na terceira edição de seu tratado *Iconologia* (Roma, 1603), Cesare Ripa define a figura de Clio pela conjugação de três ícones nucleares porque se a represente imagetivamente: uma coroa de louros à cabeça, uma trombeta segura pela mão direita e um livro pela esquerda, em que se registram *os feitos dos homens, passados e presentes*, assinalando, pois, a *História*, atributo dessa Musa. Mas ícone este que comporta uma precisão: o livro, é de Tucídides, por nome nele inscrito.¹⁵⁰ A razão de tal privilégio onomástico com que se honre condignamente a história: porque Tucídides, *Historiador famoso*.¹⁵¹

Praticamente contemporânea dessa figuração de uma *Clio tucideana* por Cesare Ripa, La Popelinière firma, na *Histoire des Histoires* (Paris, 1599), similarmente a fama maior de *Tucídides*, então o intitulado *Príncipe da História*.¹⁵² Três décadas antes (1566), Jean Bodin também proclamara, no *Methodus*, que não Heródoto, mas sim Tucídides, devesse ser tido por *o mais verdadeiro Pai da História*.¹⁵³ Três décadas depois (1629), Thomas Hobbes, em sua tradução de Tucídides, consagra fórmula de similar fama historiográfica, mas já por teores reflexivos mais precisamente direcionados: Tucídides, “the most politick historian who ever writ”.¹⁵⁴ Por todas essas celebrações da memória de Tucídides enquanto ideal ou modelo historiográfico, ela assim comparace em figuração de sabedoria ajuizante, similar à heroicidade nestoriana, que resolve os conflitos e divergências porque situada acima dos partidos e facções.

Por tais projeções de excelência historiográfica porque o nome de Tucídides emblematize a escrita da história do século XVI para o XVII, a *persona* do

¹⁴⁹ Para esta caracterização da figura de heroicidade com que o historiador recomenda sua obra, vejam-se os artigos citados à nota 145.

¹⁵⁰ “Rappresenteremo Clio donzella con una ghirlanda di lauro, che con la destra mano tenghi una tromba et con la sinistra un libro che di fuora sia scritto Tucidides”. RIPA, Cesare. *Iconologia*, Roma, 1603, disponível em: Biblioteca Virtuale On-Line; <http://bivio.signum.sns.it/>.

¹⁵¹ “Si dipinge con il libro Tucidides, perciocché attribuendosi a questa Musa l’historia, dicendo Virg. in opusc. *de Musis*: Clio gesta canens transacti tempora reddit. Convien che ciò si dimostri con l’opere di famoso Historico, qual fu il detto Tucidide”. Idem, *Ibidem*.

¹⁵² LA POPELINIÈRE. *L’Histoire des Histoires. L’Idée de l’Histoire Accomplie*. Paris: Fayard, deux tomes, 1989, p. 143.

¹⁵³ BODIN, Jean. *Method for the Easy Comprehension of History*. Translated by Beatrice Reynolds, New York: W.W. Norton & Company, 1969, p. 298.

¹⁵⁴ HOBBS, Thomas. *Hobbes’s Thucydides*. Edited with an introduction by Richard Schlatter, New Brunswick: Rutgers University Press, 1975, p. 7.

historiador é apreciada por enredamentos de intrigas agonísticas com seus pares antigos. Por uma delas, que avança de La Popelinière a Hobbes, subjaz um *agôn* com Tácito, ou mais precisamente com o *tacitismo*, avatar de *maquiavelismo* de fins do XVI. Por outra intriga agonística, agora de Tucídides com Heródoto, remonta-se de La Popelinière a Bodin, por meados do século. E, por Bodin, com as intrigas dessa agonística pondo em paralelo Tucídides e Políbio, o diálogo remonta a Maquiavel.

Por tais diálogos de modernos e antigos, a identidade da história ao longo do século XVI para inícios do XVII (de Maquiavel a Hobbes), ao instaurar a exemplaridade tucídideana de sua escrita¹⁵⁵, transita os modos de seu saber dos domínios da arte retórica para os da ciência política. Em tempos inaugurais da modernidade, pelo que assim diz Maquiavel ou pelo que similarmente imagina Bruegel em *Paisagem com a queda de Ícaro*¹⁵⁶, refigura-se o heroico herdado do imaginário da Antiguidade Clássica. Por tais jogos retóricos situando nexos figurativos entre *humano e divino, querer e poder*, retomados dos antigos porque os modernos refletem sobre os dilemas da escrita da história, indecide-se o nexo conceitual que, dizendo da excelência superlativa do historiador, ordena a epistemologia da, ou arte, ou ciência do discurso historiográfico, assim vacilante no trânsito entre sua apreensão pelo evanescente conceito antigo do *heroico* e o moderno do *gênio* então apenas florescente.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Para o primeiro parâmetro (Maquiavel, inícios do XVI), confirmam-se os argumentos por nós desenvolvidos no artigo publicado em *Cahiers des Études Anciennes*. Machiavel et Thucydide: Le(s) regard(s) de l'histoire et les figurations de l'historien (*op. cit.*, p. 263-281), também publicado no número especial Antigos, Modernos, Selvagens, da *Revista de História* (*op. cit.*, p. 51-67). Para o segundo parâmetro (La Popelinière, fins do XVI), confirmam-se as análises por nós elaboradas em MURARI PIRES, Francisco. La Popelinière et la Clio thucydidéenne: quelques propositions pour (re)penser un dialogue entre *L'idée d'histoire accomplie* et le *ktema es aei*. In: *Ombres de Thucydide. La réception de l'historien depuis l'Antiquité jusqu'au début du XXe siècle*. Textes réunis par Valérie Fromentin; Sophie Gotteland; Pascal Payen, Bordeaux-Paris: Diffusion De Boccard, 2010, p. 665-678.

¹⁵⁶ MURARI PIRES, Francisco. A morte do herói(co). In: ROSENFELD, Kathrin H. *Filosofia e Literatura: o trágico. Filosofia e Política*. III.1, Rio de Janeiro: Zahar, 2001, p. 102-114.

¹⁵⁷ A questão é abordada especialmente por BRANN, Noel L. *The Debate over the Origin of Genius during the Italian Renaissance*. Leyden, 2002, p. 50. Confirmam-se igualmente: os estudos de Giorgio Tonelli no *Dictionnaire of the History of Ideas* (Genius. From the Renaissance to 1770, v. 2, p. 293-297); de Rudolf Wittkower no *Dictionnaire of the History of Ideas* (Genius. Individualism in Arts and Artists, v. 2, p. 304-307); de Rudolf and Margot Wittkower, *Born under Saturn*, New York, 1969; e de Raymond Klibansky, Erwin Panofsky et Fritz Saxl, *Saturne et la Mélancholie*, Paris, 1989.

Com o conceito de gênio bem firmado entre fins do século XVIII e inícios do XIX¹⁵⁸, a moderna concepção “científica” de história inaugurada por Niebuhr e Ranke atualiza esse diálogo epistemológico porque o deslocamento da figura (antiga) do “herói” dê lugar, nos horizontes de suas respectivas sensibilidades de pietismo religioso¹⁵⁹, à figura (moderna) do “gênio”¹⁶⁰ enquanto parâmetro conceitual que catalisa a apreciação da excelência da práxis historiográfica. Por tais historicizadas figurações conceituais, articula-se a ideia ajuizadora da vocação do historiador consoante a ambígua afinidade versus distância porque se representem as limitações da condição humana face ao caráter sublime da projeção divina.

Recebido: 26/10/2010 – Aprovado: 03/06/2011

¹⁵⁸ Rudolf and Margot Wittikower, *Born under Saturn*, *op. cit.*

¹⁵⁹ Vejam-se, neste sentido, os comentários de Georg Iggers, *op. cit.*, p. 76-80.

¹⁶⁰ Nos termos com que o “jovem Ranke” (*Lutero e l’idea di Storia Universale*, p. 172-173) concebe a figura do “gênio” histórico em suas reflexões dos anos 1816-1817 (“o verdadeiramente grande”, “fiel à tendência da época em consonância com o gênio”, manifestação e atuação da “ideia divina” porque se define seu destino “grandioso”, desde que “purificado do egoísmo” que antes o “cegasse” de modo a “ignorar ou desprezar” tal finalidade sublime, causa de sua “ruína”), tem-se conglomerado de nexos conceituais que guarda correspondência com condizente discurso porque os Antigos conceitualizaram a figura do herói especialmente apreciada em sua dimensão “hibrística” de desfecho trágico.